



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
CÂMARA DE AGROECOLOGIA

**PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO
SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA**

MATINHOS

2009

SUMÁRIO

1 PROPOSTA PEDAGÓGICA DA UFPR SETOR LITORAL.....	4
2 ETAPAS DA FORMAÇÃO	5
3 ESPAÇOS CURRICULARES DE APRENDIZAGEM	6
3.1 PROJETOS DE APRENDIZAGEM.....	6
3.2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-PRÁTICOS.....	7
3.3 INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS.....	7
3.4 ESTÁGIO.....	8
4 PROCESSO DE AVALIAÇÃO E SABERES ENVOLVIDOS.....	9
5 JUSTIFICATIVA PARA O CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA	12
6 OBJETIVOS	19
6.1 OBJETIVO GERAL	19
6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	19
7 PERFIL DO PROFISSIONAL.....	20
8 COMPETÊNCIAS.....	20
9 ORGANIZAÇÃO DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA	21
10 ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	23
10.1 SEMANA DE ESTUDOS INTENSIVOS	23
10.2 PROJETO DE ORIENTAÇÃO ACADÊMICA.....	24
10.2.1 Objetivo Geral	24
10.2.2 Objetivos Específicos.....	24
10.2.3 Funcionamento.....	25
11 ADEQUAÇÃO ÀS CONDIÇÕES DE ACESSO DOS ESTUDANTES.....	25
11.1 PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE ESTUDANTES QUE INGRESSAM POR TRANSFERENCIA EXTERNA OU INTERNA, REINTEGRAÇÃO DE EX-ALUNOS E INGRESSO COM CURSO SUPERIOR	25
11.2 PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE ESTUDANTES INGRESSANTES APÓS O INÍCIO DAS AULAS - CHAMADAS COMPLEMENTARES DO VESTIBULAR.....	26

12 MARCO LEGAL PARA O CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA	26
13 INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS OFERECIDOS AOS PROFESSORES E ESTUDANTES DO CURSO, QUANTIDADE E DESCRIÇÃO DOS EQUIPAMENTOS.....	27
13.1 CONDIÇÕES DE ACESSO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E/OU MOBILIDADE REDUZIDA .	34
14 PESSOAL DOCENTE E TÉCNICO ENVOLVIDO NO CURSO	34
15 CERTIFICADOS E DIPLOMAS.....	42
ANEXO 1 – NORMATIVA 01/2008 CT-AGRO: ATIVIDADES FORMATIVAS COMPLEMENTARES.....	43
ANEXO 2 – QUADRO DE INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR	46
ANEXO 3 – EMENTÁRIO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA - FUNDAMENTOS TEÓRICO- PRÁTICOS.....	48
ANEXO 4 – REGULAMENTAÇÃO DE ESTÁGIO NÃO-OBRIGATÓRIO.....	66
ANEXO 5 – FICHAS 1	69
ANEXO 6 – ANTEPROJETO DE RESOLUÇÃO DE CURRÍCULO DO CURSO	88
ANEXO 7 – ATAS DA COMISSÃO DE IMPLANTAÇÃO	95
ANEXO 8 – RELATÓRIO DA COMISSÃO DE IMPLANTAÇÃO	104
ANEXO 9 – PORTARIA DA COMISSÃO PARA ELABORAÇÃO DA PROPOSTA DE CURSO DE AGROECOLOGIA.....	106
ANEXO 10 – ATA DO CONSELHO DIRETOR DO LITORAL.....	108

1 PROPOSTA PEDAGÓGICA DA UFPR SETOR LITORAL

A Proposta Pedagógica da UFPR Setor Litoral tem por objetivo a inter-relação da pesquisa, da extensão e do ensino desde o início de cada curso ofertado. Ela visa à construção de uma aprendizagem associada às realidades locais, situando o estudante nas questões sociais, ambientais, políticas e econômicas vividas pela população da região.

É uma formação que prepara o estudante para a prática profissional de caráter interdisciplinar e transdisciplinar, capacitando profissionais com formação política, filosófica e humana, capazes de atuarem com autonomia e com uma visão de complexidade nas situações concretas preconizadas pela sociedade em direção ao desenvolvimento sustentável.

Os mapas curriculares dos cursos da UFPR Litoral são organizados em eixos pedagógicos a partir de áreas do conhecimento que têm como finalidade estruturar o processo ensino-aprendizagem respeitando os diversos meios de apropriação, contextualização e produção de saberes históricos, além de envolver a formação para pesquisa científica e para extensão. Para tal, é realizada formação continuada de docentes e técnicos do setor.

No Setor Litoral parte-se de uma premissa inquestionável, que o serviço público só tem razão de existir se estiver a serviço da população (PPP, 2008, p.9). O projeto visa contribuir para o desenvolvimento sustentável, capaz de propiciar as condições objetivas para uma vida compatível com a dignidade humana e a justiça social (PPP, 2008, p.9).

O acesso ao curso acontece por processo seletivo e o ensino é gratuito em todos os níveis educacionais. Nesse sentido cabe mostrar que o acesso às vagas dos cursos do Setor Litoral obedece a orientação de implementação das políticas de Cotas raciais e sociais no processo seletivo, fato que amplia a democratização do acesso a universidade. Outro movimento que cabe salientar é a ocupação de vagas através do PROVAR, programa que visa possibilitar a permanência discente na instituição, mesmo que em condições ou cursos diferentes dos escolhidos no momento de ingresso via vestibular, além de permitir o ingresso de estudantes de outras instituições e de diplomados.

Conforme o exposto fica evidente que o Projeto Político Pedagógico (PPP) se constitui em um processo de constante construção, onde a educação é compreendida como totalidade e onde são valorizadas as relações dialógicas fomentadas pelo contato entre a universidade e a comunidade. Dessa forma o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas se apresenta como elemento essencial de trabalho conforme descrito no próprio PPP que indica que o “tensionamento dialético entre o modelo epistemológico dominante e o modelo epistemológico emancipatório entre o todo e a parte” (PPP, 2008, p. 8) estabelece relações teórico-práticas entre os eixos curriculares e os atores envolvidos, o que agrega qualidade acadêmica na articulação entre os espaços curriculares de aprendizagem.

2 ETAPAS DA FORMAÇÃO

Os eixos pedagógicos do processo de ensino-aprendizagem são estruturados em três fases indissociáveis. São elas:

1ª Fase – Conhecer e Compreender

A primeira fase objetiva desenvolver a percepção crítica da realidade local. Os temas são articulados a um processo de reconhecimento e de compreensão, transformando-se em temas geradores e articuladores de discussões fundamentais para a formação profissional. As abordagens buscam despertar o acadêmico para a necessidade de aprofundamento teórico-prático nas próximas fases.

2ª Fase – Compreender e Propor

Na segunda fase, o estudante se qualifica em atividades da profissão a partir da realidade percebida na fase anterior. Há um aprofundamento teórico-prático e metodológico, articulado com os conhecimentos significativos dos saberes técnico-científicos, interações culturais e humanísticas e projetos de aprendizagem.

3ª Fase – Propor e Agir

Na terceira fase, o foco da fundamentação teórico-prática está no exercício profissional e na interação com o campo de atuação e aplicação das habilidades e conhecimentos desenvolvidos nas fases anteriores. É a constatação da prática construída dialeticamente através da relação teoria e prática. O estudante está apto para criar possibilidades de trabalho e dar continuidade na formação continuada.

O desenho curricular que se fundamenta na educação por projetos permite que o estudante construa o conhecimento, integrando diversas áreas do conhecimento. Além dos fundamentos teórico-práticos, específicos de cada curso, o estudante organiza o seu cotidiano tendo também espaços semanais para as Interações Culturais e Humanísticas (ICH) e para dedicar-se ao projeto de aprendizagem. O estudante é incentivado a perceber criticamente a realidade, compreender os diversos aspectos que a estruturam e a estabelecer ações onde a busca de conhecimento se encontra com situações da realidade local, configurando relações entre pessoas, saberes e instituições, entre elas a UFPR e a comunidade da região litorânea. (PPP, 2008, p.25).

3 ESPAÇOS CURRICULARES DE APRENDIZAGEM

Os espaços curriculares de aprendizagem constituem os eixos pedagógicos do Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral, os quais visam a integração dos vários níveis de ensino da instituição e sua articulação com a rede pública de ensino do litoral do Paraná.

3.1 PROJETOS DE APRENDIZAGEM

O projeto de aprendizagem constitui uma ferramenta pedagógica extremamente relevante para o projeto pedagógico do Curso de Graduação em Agroecologia. Seu desenvolvimento parte de uma problemática identificada pelo estudante, um objeto que cativa sua curiosidade acadêmica. A carga horária destinada ao projeto estimula as habilidades cognitivas extremamente relevantes para o profissional, independente do objeto teórico em si. Dentre estas as capacidades investigativa, a relacional, e, sobretudo a reflexiva. Trata-se de uma ferramenta prática para a estimulação do protagonismo, em resposta ao desafio do

“aprender a aprender”¹. Neste sentido, a pesquisa nesta fase do projeto político pedagógico do Setor Litoral, possui um princípio educativo.

3.2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-PRÁTICOS

A fundamentação teórico-prática constitui um dos eixos da estrutura curricular dos cursos da UFPR Litoral. Este eixo possibilita o acesso aos conhecimentos científicos relevantes para a atuação profissional. Estes, por sua vez, realizam um permanente diálogo com a realidade desde a primeira etapa, tendo em vista a diminuição da distância entre os saberes e sua aplicação prática, permeada por todos os elementos que se encontram no cotidiano. Os fundamentos teórico-práticos para o exercício profissional são inseridos na organização curricular a partir de módulos temáticos que contam com a participação de diferentes profissionais, em alguns casos simultaneamente, ressaltando o caráter interdisciplinar no tratamento dos temas.

3.3 INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS

As Interações Culturais Humanísticas consistem em um dos elos da formação profissional do estudante com a realidade e a comunidade local. Trata-se de um espaço diferenciado de aprendizagem para vivências e reflexões que privilegiem as relações entre os Saberes científicos, culturais, artísticos, populares, pessoais entre outros. O estudante participa de atividades que despertam seu interesse e compreensão sobre as relações humanas.

O eixo Interações Culturais e Humanísticas propicia um espaço de integração de diferentes áreas do conhecimento onde são desencadeadas discussões e reflexões sobre temas relevantes, a fim de proporcionar um processo de formação integral dos educandos. Desta forma, pretende-se possibilitar um ambiente que contribua para a superação da visão tecnicista de produção do conhecimento. O

¹ MORIN, Edgar. As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão. In: **Os Sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

espaço curricular destinado às Interações Culturais e Humanísticas possibilita um novo arranjo do corpo discente e docente, rompendo nesta instância o eixo integrador pautado na profissionalização. A partir de uma vasta gama de temas, alguns deles com elevado teor de praticidade, as questões sócio-político-culturais e ambientais se articulam.

3.4 ESTÁGIO

Entre os eixos que compõem o Projeto Político-Pedagógico do Setor Litoral estão os Projetos de Aprendizagem e as Interações Culturais e Humanísticas, que contam com 40% da carga horária dos cursos e contribuem para o processo de aprendizagem do educando ao permitir que ele interaja com a realidade local, exercitando a fundamentação teórica e prática, durante todas as fases do curso, quais sejam: conhecer e compreender, compreender e propor, propor e agir.

A construção e o embasamento dos módulos de ensino dos Fundamentos Teórico-Práticos, que compõe o Projeto Político-Pedagógico do curso de Tecnologia em Agroecologia, seguiram um movimento para incorporar os objetivos do estágio obrigatório, o que também acontece com os espaços de Projetos de Aprendizagem e Interações Culturais e Humanísticas. O estímulo ao desenvolvimento de atividades formativas complementares, além da carga horária obrigatória do curso, também vem ao encontro dos objetivos mencionados.

O módulo Síntese, conjuntamente com os demais módulos estruturantes do curso em Fundamentos Teórico-Práticos e os eixos pedagógicos Interações Culturais e Humanísticas e Projetos de Aprendizagem, permitem o desenvolvimento de atividades de caráter interdisciplinar, onde os educandos relacionam dialeticamente teoria e prática, constroem sua autonomia e percebem a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Estes espaços propiciam experiências e vivências acadêmico-profissionais contextualizadas, mediadas e acompanhadas por docentes do Setor Litoral. No caso específico do módulo Síntese, distribuído ao longo dos 6(seis) semestres do curso, estão previstos encontros interdisciplinares, relatórios de avaliação permanente, aporte teórico, atividades práticas e ao final do curso, especialmente no 5º e no 6º semestre, a apresentação de um trabalho final em equipe, onde aparece a síntese dos temas trabalhados até então, unindo-os ao desenho e redesenho de espaços

com base nos princípios da Agroecologia. O referido trabalho é apresentado aos demais alunos do curso e aos professores da Câmara de Agroecologia, além de docentes convidados, ao final do último semestre do curso.

Assim, com base na resolução 19/90-CEPE, justifica-se a não inclusão de estágio obrigatório enquanto módulo de aprendizagem do curso superior de Tecnologia em Agroecologia, devido às especificidades de construção do curso e à existência de espaços curriculares de aprendizagem que objetivam contemplar processos interativos teórico-práticos no decorrer dos semestres do curso.

4 PROCESSO DE AVALIAÇÃO E SABERES ENVOLVIDOS

Para Freire² é preciso ver o homem em sua interação com a realidade e a importância do conhecimento histórico-social-cultural no fazer dos homens, já que a história é feita pelos homens e ao mesmo tempo nela vão se fazendo. Assim, mostra que o movimento do homem e mundo objetivo é dinâmico (mundo criando-se histórico e cultural), ou seja, é impossível desejar que um homem seja adaptado, pois adaptação exige a existência de uma realidade acabada e estática e, não em processo de transformação. Tentar adaptar ou domesticar o ser humano significa subtraí-lo, ou seja, coisificá-lo, isto é uma educação com visão instrumental. Para Freire a educação não é neutra, a educação precisa ser humanista, através de sua ação para a prática da liberdade, na qual o sujeito tem de fato uma situação de verdadeira aquisição de conhecimento, onde todos são criadores. Assim, o educador deve ter a práxis como constante e por meio do diálogo refletir sobre a realidade e suas possibilidades de transformação.

Nesse sentido, é na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenha o educador, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação, que Paulo Freire chama de Universo temático (ou temática significativa) do povo ou o conjunto de seus temas geradores.

² FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Nesta abordagem a convivência é a base do ser social: pertencer a grupos, reconhecer-se num contexto, construir referências de atitudes e valores, perceber e respeitar a diversidade são caminhos que só podem ser percorridos nas relações sociais. Sendo assim, o campo sócio-educativo é uma oportunidade de vivência e afirmação de atitudes e valores que fortaleçam e desperte o prazer de viver em comunidade, a importância da vida, a aposta em si mesmo dentro de padrões sociais solidários e cooperativos (que não prejudiquem nem a si mesmo e nem ao outro).

Dentro dessa perspectiva freireana³, focada no desenvolvimento dos quatro pilares da UNESCO⁴, trabalha-se no intuito de que a formação do sujeito acontece em diversos espaços e contextos. Embora em sala de aula a dinâmica da vida (mundo do trabalho dos estudantes) se revela em conteúdos diferenciados, e por vezes até contraditórios, que se complementam. Na sociedade moderna, a universidade tem a primazia do processo de formação de jovens no sentido da escolarização e instrução, assim como a ampla formação do sujeito extrapolando o simples domínio de habilidades de leitura e escrita. Visando formar o sujeito integral, com mudanças de valores e hábitos, e a conformação a uma identidade coletiva cunhada na dimensão cultural. E é nesse sentido que a dinâmica de avaliação no processo de ensino e aprendizagem ocorre, buscando avaliar os quatro pilares como no quadro 1.

QUADRO 1 - OS PILARES DA EDUCAÇÃO E SABERES ENVOLVIDOS PARA AVALIAÇÃO

PILARES	TIPOS DE CONTEÚDOS	SABERES ENVOLVIDOS
Aprender a conhecer	Fato, conceito, princípio	Saber saberes
Aprender a fazer	Procedimento	Saber fazeres
Aprender a ser e a conviver	Valores e atitudes	Saber ser e saber ser no convívio com o outro

Nota: baseado nas formulações de UNESCO⁴ e Zabala⁵.

A partir da concepção de aprendizagem (Figura 1), expressa nos quatro pilares da educação – aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e

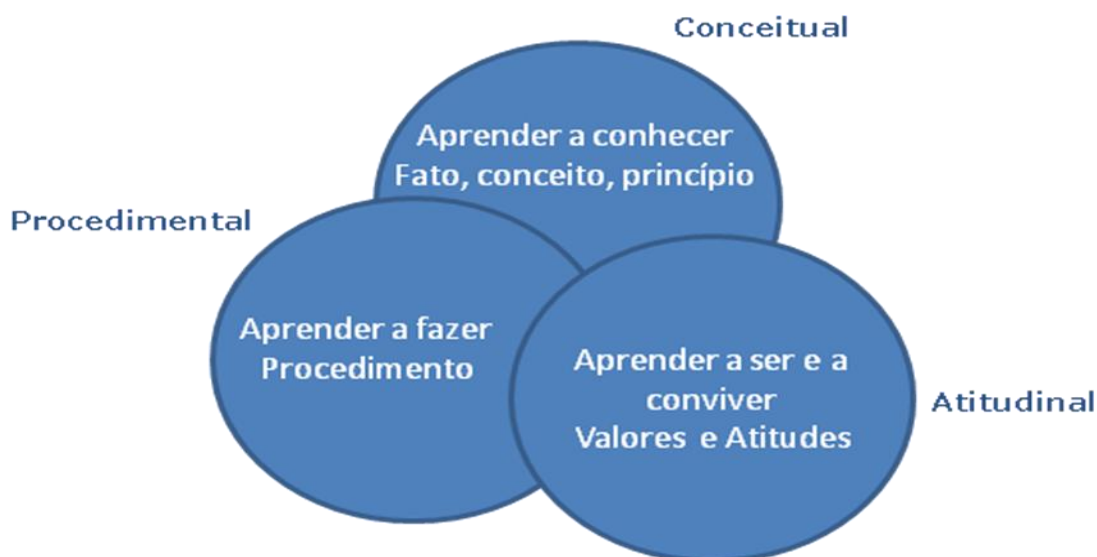
³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

⁴ UNESCO. Educação, um tesouro a descobrir. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. São Paulo, Brasília: Cortez, MEC, 1998.

⁵ ZABALA, Vidiella Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

aprender a ser, fez-se uma escolha por balizar a formulação dos parâmetros em três dimensões que compõem a aprendizagem: conceitos, atitudes e procedimentos.

FIGURA 1 - VISÃO SISTÊMICA DOS QUATRO PILARES E SUAS INTERSECÇÕES



Fonte: CENPEC⁶.

Por que recortar os conteúdos de aprendizagem se o conhecimento é totalidade?

- Para facilitar a visualização dos diferentes aspectos que precisam estar presentes nas ações realizadas no processo de ensino e aprendizagem.
- Para que seja possível acompanhar as ações, garantindo que o foco na convivência não descarte o entrelaçamento das dimensões e seus conteúdos.

O conhecimento não se constrói pelas especificidades, mas sim pelas relações que se estabelecem, ou seja, pelos laços que conectam e entrelaçam os múltiplos saberes e afetos. Pois, a aprendizagem é fenômeno reconstrutivo, sua marca central é a dinâmica conexionalista que, se de uma parte, reduz complexidade para analisar a realidade e lhe reconhecer padrões de estrutura e funcionamento, de outra, a complexifica tanto mais. Sendo assim, a avaliação acontece nos três eixos do Projeto Político Pedagógico do Setor Litoral envolvendo os vários saberes (conceitual, procedimental e atitudinal).

⁶ CENPEC. **Parâmetros socioeducativos: Proteção social para crianças, adolescentes e jovens.** São Paulo, 2007.

5 JUSTIFICATIVA PARA O CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA

A região litorânea do estado do Paraná guarda algumas características bastante peculiares. Embora tenha sido pioneiramente ocupada na expansão colonial da região sul, ficou marcado pelo abandono e pela dependência de curtos ciclos econômicos de expansão. Possui, por outro lado, uma área florestal remanescente de Mata Atlântica que constitui patrimônio natural da humanidade.

A atividade agrícola nesta área é marcada por duas características importantes, a predominância de pequenos produtores, próximos à lógica de subsistência e, em grande parte, com práticas de manejo convencional e tradicional. O processo de urbanização, revelado na taxa de crescimento urbano dos municípios do litoral, cuja performance excede à média do estado do Paraná, bem como à própria média brasileira.

Sendo assim, percebe-se a relevância propositiva de um curso de graduação em Agroecologia que contribua para a construção de uma nova realidade regional e de um desenvolvimento sustentável. Em nível nacional, a Agroecologia representa uma contracorrente ao discurso dominante e hegemônico do agronegócio. Os impactos ambientais e sociais da expansão deste, no entanto, vêm fomentando a discussão e a preparação de atores para a construção de uma alternativa efetiva a esse modelo vigente.

A partir do processo conhecido como Revolução Verde, desencadeado a partir dos anos 60 no Brasil, alavancou-se a modernização da agricultura brasileira. A adoção de um pacote tecnológico que implicou na industrialização da atividade agrícola permitiu o ingresso da agricultura no campo das relações econômicas propriamente capitalistas. Tendo por pressuposto a impositiva necessidade de ampliar a produtividade e o fornecimento eficaz de alimentos para o setor urbano, cuja expansão era notória já nesta etapa, promoveu-se uma verdadeira reforma agrícola. A estrutura agrária herdada das relações patrimonialistas da colonização brasileira foi pouco alterada, no entanto, em termos de capacidade produtiva, houve de fato uma transformação surpreendente. Graziano⁷ intitulou de modernização

⁷ GRAZIANO DA SILVA, J. **A Nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: UNICAMP/IE, 1996.

conservadora esta transformação que projetou a agricultura brasileira para o ambiente das relações capitalistas de produção.

O processo de modernização da agricultura brasileira apresentou ritmos diferenciados em nível dos estados, tendo iniciado no Paraná apenas na década de 70. Apesar disto, a estrutura pelo qual se instalou não sofreu alterações muito profundas, em especial no caso deste estado, cuja vinculação com a economia de São Paulo, expôs uma relação reflexa das transformações ocorridas na agricultura paulista. Sendo assim, pode-se dizer que a dinâmica e os efeitos sócio-político-culturais são similares ao longo do território nacional. Através desta modernização fica evidenciada politicamente a opção pela grande propriedade em detrimento da pequena propriedade familiar. Da mesma forma, é explicitada a opção por monoculturas exportadoras, de maior rentabilidade, em detrimento daquelas voltadas para o consumo nacional. Vale salientar que internacionalmente os ambientalistas já vinham alertando o mundo, sobre os problemas instalados com a modernização na agricultura, isso fica evidente com o livro da Rachel Carson em 1968 com “Primavera Silenciosa”, a qual chama a atenção da humanidade para as conseqüências da destruição da biodiversidade.

Os complexos agroindustriais se organizam e consolidam na economia brasileira, passando a ter um peso extremamente importante na década de 80, em função do esforço de geração de divisas a partir da exportação de alimentos, carro-chefe do balanço de pagamentos brasileiro. É nesse contexto que no Brasil inicia-se uma organização dos movimentos ambientais ligados as agriculturas alternativas, a qual fomenta ações que questionam esse modelo de agricultura convencional – exportador, nas várias profissões e nas academias, instalando dessa forma as bases da Agroecologia.

Os interesses diversos do capital se articulam de forma aparentemente harmônica, as empresas fornecedoras de insumos químicos e mecânicos, baseadas nas tecnologias transplantadas dos países desenvolvidos, encontram no Brasil um campo extremamente forte de investimento. Gerações sucessivas de agricultores inserem-se no mercado agrícola a partir da adoção de pacotes tecnológicos, não apenas apoiados, mas até mesmo impostos pelas políticas de financiamento instaladas pelo governo.

A massiva saída da população do campo para os centros urbanos, ao longo da segunda metade do século XX, revela uma das expressões da modernização conservadora. Por outro lado, evidencia-se em parte a submissão da produção rural à condição de apêndice dos interesses industriais, em grande parte dominada pelo capital internacional. Esta realidade se repetiu no sudeste e depois no sul do Brasil, para por fim atingir as demais regiões, em especial o centro-oeste, que assumiu o papel de novas fronteiras agrícolas.

Apenas a partir das últimas décadas do século XX, a sociedade brasileira pôde retomar o debate sobre as consequências deste modelo e a possibilidade de construção de alternativas, mais justas, do ponto de vista social, cultural e ambiental. Essa necessidade de fomentar o debate já vem sendo alimentado pelos movimentos das agriculturas alternativas que se consolidaram no Brasil, por meio das ONGs, Universidades, associações de pequenos produtores, movimentos sociais e outros. Parte-se, no entanto, de um novo patamar, distinto daquele que encontrávamos na década de 60, quando a maior parte da população brasileira ainda se encontrava no campo. A situação atual é inversa tanto em função da urbanização como pela instituição da cultura urbana. Requer-se, portanto, a reflexão intensa em busca de uma sustentabilidade, que envolva não apenas os aspectos relacionados a produção agrícola, mas também o fortalecimento da agricultura familiar e dos movimentos sociais.

A agricultura familiar ocupa um papel muito importante em uma estratégia de desenvolvimento que engloba o objetivo da Segurança Alimentar e Nutricional, que seja economicamente sustentável, com crescente equidade e inclusão. Combinando elementos de oferta e de demanda de alimentos, a agricultura familiar estimula a produção diversificada e amplia a capacidade de consumo de alimentos e de outros bens pelas famílias.

É nesta perspectiva que se fundamenta a ciência agroecológica, extrapolando, portanto o âmbito da técnica, do manejo e da gestão de propriedade, mas atingindo a reflexão do espaço rural-urbano.

Faz-se necessário, repensar o conhecimento para melhor interpretação das complexas relações existentes na vida do planeta. Priorizam-se um constante diálogo entre o Saber Científico, o Saber Popular e a Ciência da Complexidade. A participação da comunidade é o elemento central tanto em espaços rurais quanto

urbanos, sendo os agricultores considerados atores na construção de seus próprios processos de desenvolvimento. Assim, os processos educativos conduzem e visam promover a participação ativa na busca pela efetivação da cidadania, por meio de uma constante relação teoria e prática.

A noção de sustentabilidade hoje abrange justiça social e a luta contra a pobreza, como princípios primordiais do desenvolvimento. Os pilares que consolidam o desenvolvimento sustentável aparecem na Sociedade, com a compreensão do papel das instituições sociais na mudança e no desenvolvimento, assim como nos sistemas democráticos e participativos; o Meio ambiente, na consciência dos recursos, da fragilidade e dos efeitos das atividades e decisões humanas sobre o meio ambiente, com o compromisso de incluir as questões ambientais na elaboração das políticas sociais e econômicas; e a economia, na consciência em relação aos limites e ao potencial do crescimento econômico e seus impactos na sociedade e no meio ambiente, com o compromisso de reduzir os níveis de consumo individual e coletivo⁸.

Desta forma, a Agroecologia relaciona a atividade agrícola e o território, cumprindo papel decisivo na manutenção das comunidades rurais e do patrimônio cultural que se expressa, sobremaneira, nos alimentos, pois inclui a sustentabilidade em suas dimensões social, econômica, ambiental, política, cultural e ética.

A banalização do termo agro + ecologia tem levado muitas pessoas a confundir Agroecologia com um tipo de agricultura, ou com práticas de manejo ecológicas, ou como apenas uma filosofia de vida. Como afirma Caporal⁹, isso significa um reducionismo com respeito à potencialidade e a complexidade que possui o enfoque agroecológico para o desenho de agriculturas sustentáveis e novas estratégias de desenvolvimento. Assim o autor coloca que por esta razão, é importante reafirmar os conceitos de Agroecologia como matriz disciplinar ou como uma nova ciência multidisciplinar e interdisciplinar, cuja complexidade determina a existência de diversas bases conceituais, quando se busca definir o que é a Agroecologia.

⁸ UNESCO, OREALC. **Educação na América Latina**. UNESCO. Brasília 2002. p. 446. Disponível em: <www.unesco.org.br> Acesso em: 16 de nov. de 2005

⁹ CAPORAL, C.R.F. Agroecologia. In: EMATER-RS. **Projeto Inovar**. Porto Alegre: EMATER-RS, 2005.

Refletindo sobre a produção de Altieri¹⁰ e Gliessman¹¹, que atuam na pesquisa e no ensino dentro da agroecologia, esses autores ampliam os conceitos da Agroecologia, fugindo da estreiteza do pensamento cartesiano, ao proporem a incorporação de aspectos socioculturais e econômicos. Por exemplo, segundo Altieri¹⁰, “a Agroecologia é uma ciência que fornece os princípios ecológicos básicos para estudar, desenhar e manejar agroecossistemas produtivos, que conservem os recursos naturais, que sejam culturalmente apropriados, socialmente justos e economicamente viáveis”. De igual forma, de acordo com Hecht¹², “a Agroecologia representa uma forma de abordar a agricultura que incorpora cuidados especiais relativos ao ambiente, aos problemas sociais e à sustentabilidade ecológica do sistema de produção”. Para sintetizar, pode-se dizer que a Agroecologia é uma ciência do campo da complexidade, que oferece os princípios e as metodologias que buscam, num horizonte temporal, a construção de novos saberes que alimentam um processo de desenvolvimento sustentável.

Neste sentido, Guzmán¹³ (2000, 2001 e 2002) nos apresenta um conceito ampliado e bastante coerente com a perspectiva do desenvolvimento sustentável, ao afirmar que a Agroecologia oferece as bases teóricas e metodológicas para que se avance no sentido do “manejo ecológico dos recursos naturais”, promovendo “a gestão ecológica dos sistemas biológicos.”

Para Guzmán¹² o potencial da Agroecologia está, também, em permitir uma melhor análise e entendimento da realidade, adotando uma abordagem sistêmica dos agroecossistemas e, sobre o potencial endógeno da dimensão local, especialmente dos sistemas de conhecimento presentes e atuantes nas formas de organização e de vida dos diferentes grupos sociais.

¹⁰ ALTIERI, M. A. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

¹¹ GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2000.

¹² HECHT, S. B. A evolução do pensamento agroecológico. in: ALTIERI, M. A. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

¹³ GUZMÁN, S. E. A perspectiva sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.3, n.1, 2002. 28. p. _____. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.2, n.1, 2001. p.44-51.

_____. A perspectiva sociológica em Agroecologia: **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável uma sistematização de seus métodos e técnicas**. Porto Alegre, v.3, n.1, 2002.60-72.

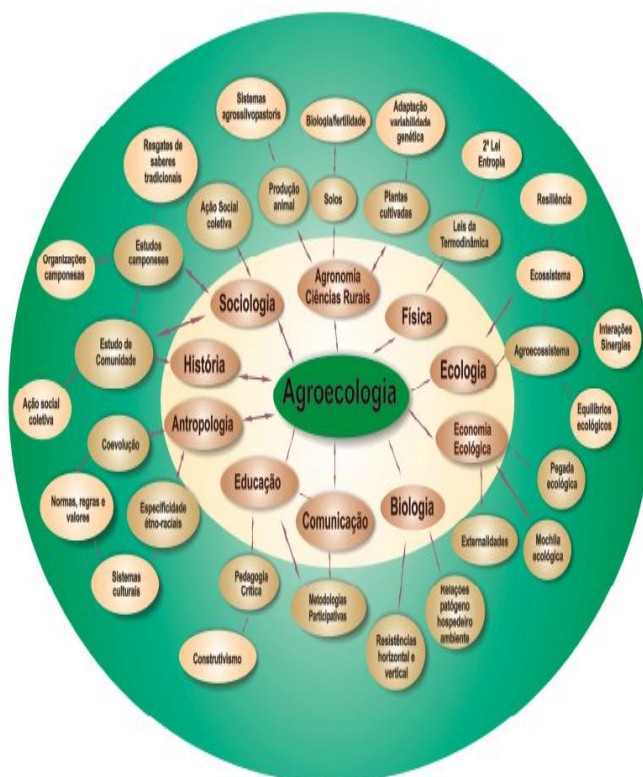
Tendo como base o marco referencial acima, podem-se destacar alguns pontos de congruência que compõe o conceito de Agroecologia como, a leitura da agricultura de uma forma integral, enfatizando as interações entre o biológico, o técnico, o cultural e o sócio-econômico. A Agroecologia é uma ciência do meio agrário, que é vista de forma sistêmica, devido à crescente complexidade dos sistemas organizados e manejados pelo homem e, da emergência do conceito de sustentabilidade¹⁴. A visão sistêmica concebe o homem como parte da natureza, fazendo as inter-relações entre seres vivos, entrelaçando a diversidade dentro de um contexto que considera o todo e não a fragmentação dos saberes.

Por esta razão, as pesquisas realizadas em laboratórios ou em estações experimentais não são suficientes, pois, não conseguem se aproximar dos diferentes agroecossistemas e do enfoque ecossistêmico (Figura 2). Essas relações complexas do ecossistema alimentam a noção de sustentabilidade que permeia as discussões da humanidade no século XXI e apresenta a emergência de um novo olhar sobre a ligação indivisível do ser humano e natureza, dessa forma nesse processo a ciência agroecológica se consolida.

Face ao exposto, o curso de Graduação em Agroecologia a ser implantado no Setor Litoral, se apresenta como alternativa de qualificação profissional. Tem como princípios o uso sustentável dos recursos naturais, a proteção do meio ambiente e o desenvolvimento sócio-econômico, principalmente da agricultura familiar que estimula a produção diversificada e amplia a capacidade de consumo de alimentos e de outros bens pelas famílias rurais, mas também da agricultura camponesa, de comunidades ribeirinhas, caiçaras e de famílias que vivem da pesca e artesanato, contribuindo com a promoção da segurança alimentar e nutricional destes povos.

¹⁴ De acordo com UNESCO (2005), a Comissão Brundtland, faz a seguinte definição: “desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que resolve as necessidades atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de também satisfazerem suas próprias necessidades”.

FIGURA 2 – COLABORAÇÃO DE OUTRAS CIÊNCIAS PARA A CONSTRUÇÃO DA AGROECOLÓGICA



Fonte: Costabeber, Caporal e Paulus¹⁵.

¹⁵ COSTABEBER J. A.; CAPORAL C.R.F.; PAULUS G. **Agroecologia: Matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável**. Brasília (DF) Abril de 2006. Disponível em: <http://www.asbraer.org.br/Documentos/Biblioteca/agroecologia__novo_paradigma.pdf> Acesso 20/04/2008.

6 OBJETIVOS

6.1 OBJETIVO GERAL

- Proporcionar aos estudantes conhecimentos da Ciência Agroecológica, tendo em vista contribuir para a promoção do desenvolvimento local e regional, a partir da visão da complexidade.

6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Promover a construção do conhecimento humano, técnico e científico na produção agroecológica;
- Possibilitar ao estudante a habilidade de desenvolver projetos relacionados os princípios da educação do campo e atuar em processos educativos com tecnologias apropriadas às comunidades e organizações sociais;
- Desenvolver no estudante a capacidade de empreender e criar situações que colaborem com o desenvolvimento social, econômico e político no contexto da profissão, e participar de processos de monitoramento e gestão de empreendimentos agroecológicos;
- Desenvolver com o estudante a capacidade crítica, analítica e reflexiva, por meio da práxis fundamentada nos princípios da Agroecologia;
- Capacitar os estudantes para realizar diagnósticos, análises, planejamentos, monitoramentos e avaliações participativas;
- Possibilitar ao estudante analisar e compreender os processos biológicos, físicos, químicos, econômicos, sociais e culturais, e suas interações, nos diferentes ecossistemas;
- Propiciar o conhecimento de técnicas e instrumentos de comunicação em processos participativos de intervenção nas populações situadas em espaços rurais e urbanos;
- Estimular o estudante a atuar em equipes interdisciplinares promovendo a construção de um novo projeto de desenvolvimento baseado na Agroecologia;
- Refletir sobre as possibilidades de inserção da Agroecologia no espaço urbano.

7 PERFIL DO PROFISSIONAL

O profissional egresso do Curso de Graduação em Agroecologia estará habilitado para:

- Interagir em equipes, visando o desenvolvimento sustentável, respeitando as diversidades e os saberes populares;
- Planejar, monitorar e manejar sistemas agroecológicos;
- Projetar e executar atividades de educação baseadas nos princípios da agroecologia e educação do campo;
- Planejar, propor, gerenciar e avaliar atividades na área de gestão em agroecologia;
- Atuar com autonomia na construção de novos conhecimentos e práticas inovadoras no âmbito da agroecologia;
- Estimular o consumo consciente;
- Elaborar projetos agroecológicos;
- Contribuir para o planejamento ambiental no meio urbano.

8 COMPETÊNCIAS

- Elaborar e executar projetos agroecológicos nas áreas de:
 - agrofloresta;
 - recuperação de áreas degradadas;
 - paisagismo;
 - desenho e redesenho de sistemas de produção animal e vegetal;
 - agroecoturismo;
 - agroindústrias;
 - manejo de resíduos sólidos e líquidos;
 - crédito rural para agricultura familiar;
 - captação e uso sustentável da água para consumo e irrigação;
 - economia solidária e cooperativismo;
 - educação do campo;

- Elaborar receituário de práticas de manejo e uso de produtos ecológicos;
- Planejar e gerenciar unidades de produção agroecológica.

9 ORGANIZAÇÃO DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA

Curso: Superior de Tecnologia em Agroecologia

Local: UFPR Setor Litoral

Duração Mínima: 3 anos

Duração máxima: 4,5 anos

Carga horária mínima obrigatória: 2.400 horas

Atividades Formativas Complementares: carga horária mínima de 100 horas

Dias letivos: 200 dias/ano

Carga horária anual: 800 horas

Carga horária total: 2.500 horas

Turno: Diurno

Sistema Modular: Módulos Interdisciplinares de Aprendizagem integrados nos espaços curriculares de aprendizagem

Entrada: Anual – 2º Semestre

Vagas: 35

Periodização: semestral

Organização curricular: O curso superior de Tecnologia em Agroecologia da UFPR Litoral está pautado em uma proposta pedagógica voltada para uma formação integral do estudante. Na construção do mapa curricular, a definição dos conteúdos estará relacionada e articulada à definição prévia dos objetivos de cada fase do curso. Os espaços curriculares de aprendizagem estão organizados em módulos temáticos, conforme Quadro 2.

QUADRO 2 - SÍNTESE DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

ESPAÇOS CURRICULARES DE APRENDIZAGEM POR FASE*	CARGA HORÁRIA ANUAL (HORAS)
1ª Fase - Conhecer e Compreender - Percepção Crítica da Realidade	
I - PROJETOS DE APRENDIZAGEM I e II	160
II – FUNDAMENTOS TEÓRICO-PRÁTICOS I	480
III – INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS I e II	160
CARGA HORÁRIA TOTAL 1ª Fase	800
2ª Fase – Compreender e Propor – Aprofundamento Metodológico e Científico	
IV - PROJETOS DE APRENDIZAGEM III e IV	160
V – FUNDAMENTOS TEÓRICO-PRÁTICOS II	480
VI – INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS III e IV	160
CARGA HORÁRIA TOTAL 2ª Fase	800
3ª Fase – Propor e Agir – Transição para o Exercício Profissional	
VII - PROJETOS DE APRENDIZAGEM V e VI	160
VIII – FUNDAMENTOS TEÓRICO-PRÁTICOS III	480
IX – INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS V e VI	160
CARGA HORÁRIA TOTAL 3ª Fase	800
X - ATIVIDADES COMPLEMENTARES**	100

*Cada fase compreende 2 semestres.

** A carga horária deverá ser realizadas ao longo dos 3 anos do curso. No anexo 1 é apresentada a normativa para requerimento de validação de carga horária curricular de atividades formativas complementares, de acordo com resolução nº 70/04-CEPE.

No anexo 2 é apresentado o quadro de integralização curricular e no anexo 3 o ementário dos fundamentos teórico-práticos, distribuído em cada fase.

O estágio em agroecologia não é obrigatório e deverão ser observadas as normas estabelecidas pelo núcleo de atividades formativas da UFPR.

10 ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

O processo de avaliação da aprendizagem segue o proposto no Projeto Político Pedagógico do Setor Litoral, item 4.

As exigências da formação são:

- Conceitual - saber saber.
- Procedimental - saber fazer.
- Atitudinal - saber ser.

Os conceitos utilizados na avaliação são:

- APL - Aprendizagem Plena
- AS - Aprendizagem Suficiente
- APS - Aprendizagem Parcialmente Suficiente
- AI - Aprendizagem Insuficiente

Os estudantes que obtiverem os conceitos APL e AS e tiverem uma frequência mínima de 75% serão considerados aprovados. Os que obtiverem conceito APS e frequência mínima de 75% serão encaminhados para realizar a semana de estudos intensivos. Os que obtiverem conceitos AI e NC, ou frequência inferior a 75% serão reperiodizados. O estudante deverá ter uma frequência de no mínimo 75% da carga horária de cada espaço curricular de aprendizagem.

10.1 SEMANA DE ESTUDOS INTENSIVOS

A cada semestre/ano são atribuídos aos educandos conceitos pelos professores responsáveis pela Fundamentação Teórico-prática, mediadores dos Projetos de Aprendizagem e professores responsáveis pelas Interações Culturais e Humanísticas. Os discentes que não atingem os objetivos e obtêm conceito final APS e frequência mínima de 75% são encaminhados para a Semana de Estudos Intensivos (SEI), onde desenvolvem diversas atividades, constituindo uma alternativa para atingir os objetivos propostos. Os discentes que obtiverem conceito AI em todos os eixos são encaminhados a reperiodização.

Tais conceitos são analisados pelas Câmaras dos Cursos para definição do conceito geral do semestre. O resultado dessa avaliação é apresentado ao Comitê de Avaliação de Ensino e Aprendizagem – CAEA para análise e deliberação de casos específicos.

10.2 PROJETO DE ORIENTAÇÃO ACADÊMICA

10.2.1 Objetivo Geral

O Setor Litoral da UFPR conta com uma estrutura administrativa, acadêmica e pedagógica que fica à disposição dos estudantes para orientá-los em todas as necessidades e demandas. As mesmas visam auxiliar a integração do aluno ingressante às dinâmicas da instituição e às características do ambiente universitário.

10.2.2 Objetivos Específicos

- Proporcionar melhor integração do aluno iniciante ao curso e ao ambiente universitário através das semanas de integração, dos módulos curriculares “Reconhecimento o Litoral e Introdução ao Mundo Universitário”;
- Conscientizar o aluno da importância do componente humanístico para sua formação e para compreensão dos conteúdos profissionalizantes;
- Mediar o aluno na escolha do Projeto de Aprendizagem e na maneira como o desenvolver;
- Detectar eventuais dificuldades do aluno e procurar auxiliá-lo;
- Acompanhar o desempenho do aluno em todas as atividades formativas cursadas durante o período da orientação acadêmica;
- Colaborar para a melhoria de desempenho no processo de aprendizado, visando à redução dos índices de reprovação e de evasão;

10.2.3 Funcionamento

O Setor Litoral da UFPR conta ainda com um Programa de Apoio à Aprendizagem (PROA), cuja proposta é decorrente do Projeto Político Pedagógico da instituição, e pelo qual realizam-se ações de acompanhamento e assistência estudantil, atualização pedagógica e desenvolvimento acadêmico, com o objetivo de reduzir os índices de evasão e repetência. Este programa fundamenta-se no pressuposto da transdisciplinaridade, e ocupa-se de três grandes eixos de desenvolvimento e organização: 1) desenvolvimento e organização pessoal (saúde, bem-estar e convivência); 2) desenvolvimento e organização pedagógica; 3) desenvolvimento institucional (sustentação normativo-administrativa). O PROA prevê a discussão dos desafios de superação que o Setor Litoral enfrenta para resolver suas questões fora das salas de aula e gabinetes, mas carregadas de uma complexidade que dificulta ou inviabiliza a execução do Projeto Pedagógico do Setor.

Os estudantes têm ainda o acesso aos registros acadêmicos através de solicitação feita à coordenação da Câmara do Curso de Ciências, no caso de conceitos e frequências, ou por meio de requerimento ao Atendimento Acadêmico, no caso de histórico escolar. As chamadas de projetos e bolsas são disponibilizadas em editais que estão à disposição de todos os estudantes, sendo a seleção realizada de acordo com o perfil dos estudantes através de inscrição junto à orientação acadêmica.

11 ADEQUAÇÃO ÀS CONDIÇÕES DE ACESSO DOS ESTUDANTES

11.1 PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE ESTUDANTES QUE INGRESSAM POR TRANSFERENCIA EXTERNA OU INTERNA, REINTEGRAÇÃO DE EX-ALUNOS E INGRESSO COM CURSO SUPERIOR

O Coordenador da Câmara do curso irá fazer uma avaliação prévia da situação acadêmica do estudante, bem como de seu histórico escolar considerando o mapa curricular e conteúdo programático de módulos cursados e a cursar. Tal avaliação deve ser apresentada em câmara para apreciação dos demais membros, bem como encaminhamentos que se fizerem necessários. É permitido aos demais membros da câmara o direcionamento de atividades a serem desenvolvidas para integralização e conclusão do curso.

Os professores responsáveis pelos espaços curriculares irão definir o processo de adaptação com encontros presenciais e/ou atividades dirigidas e as avaliações desta reposição.

A frequência nos encontros presenciais é obrigatória, devendo ser cumprida no mínimo 75 % de frequência. As atividades dirigidas e avaliações nos espaços curriculares são designadas pelo professor responsável, ficando ao seu critério a definição de tais atividades.

11.2 PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE ESTUDANTES INGRESSANTES APÓS O INÍCIO DAS AULAS - CHAMADAS COMPLEMENTARES DO VESTIBULAR

O professor responsável pelo módulo irá definir o processo de adaptação com encontros presenciais e/ou atividades dirigidas e as avaliações desta reposição.

A frequência nos encontros presenciais é obrigatória, devendo ser cumprida no mínimo 75 % de frequência. As atividades dirigidas e avaliações do módulo são designadas pelo professor responsável pelo módulo, ficando a seu critério a definição de tais atividades.

12 MARCO LEGAL PARA O CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA

- Lei nº 9.394, de 20/12/1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB);
- Parecer CNE/CES 436/2001 – Trata de Cursos Superiores de Tecnologia;

- Parecer CNE/CP n. 29/2002 – Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais no nível de Tecnólogo;
- MEC/CNE - Resolução nº 2, de 18 de junho de 2007 – DOU nº 116 de 19/06/2007 - dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos a integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados na modalidade presencial.
- MEC/CNE - Resolução CNE 03/2002 - Institui diretrizes curriculares nacionais gerais para organização e funcionamento dos cursos superiores de tecnologia;
- Projeto Político Pedagógico (PPP) da UFPR Litoral;
- Resolução 19/90 – CEPE – Dispõe sobre os estágios na UFPR;
- Resolução n.70/04 - CEPE – Dispõe sobre as Atividades Formativas na flexibilização dos currículos dos cursos de graduação e de ensino profissionalizante da UFPR.

13 INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS OFERECIDOS AOS PROFESSORES E ESTUDANTES DO CURSO, QUANTIDADE E DESCRIÇÃO DOS EQUIPAMENTOS

O projeto da UFPR Litoral criou uma expansão da UFPR no Balneário Caiobá, Município de Matinhos/PR. As obras de construção foram feitas pela Secretaria de Obras Públicas do Paraná (SEOP) conforme o Quadro 3 e Figura 3.

QUADRO 3 – ETAPAS DE CONSTRUÇÃO DO SETOR LITORAL

ETAPA	DATA PREVISTA PARA O TÉRMINO	DATA DA ENTREGA	OBSERVAÇÃO
Restauração do bloco administrativo	Julho/2005	Julho/2005	
Reforma do bloco administrativo (superior)	Fevereiro/2006	Dezembro/2006	
Reforma do bloco administrativo (inferior)	Março/2006	Dezembro/2006	
Construção do Bloco A de salas de aula e piscina	Maior/2006	Dezembro/2006	
6 laboratórios	Dezembro/2006	Dezembro/2006	
Construção do Bloco B de salas de aula	Agosto/2009	Entrega em fevereiro de 2010	Em final de obras
Biblioteca/Auditório	Junho/2009	Entrega em abril de 2010	Em final de obras

O local escolhido para a implantação das obras é privilegiado e em localização estratégica. Pertencia ao antigo Banco Estatal Estadual (Banestado) e tratava-se de uma colônia de férias com área construída de 3.700 m² que foi inteiramente reformada (Figura 3 e 4) em um terreno de 12.778,72 m².

FIGURA 3 – CROQUI DE INSTALAÇÃO FÍSICA DO SETOR LITORAL, 2006



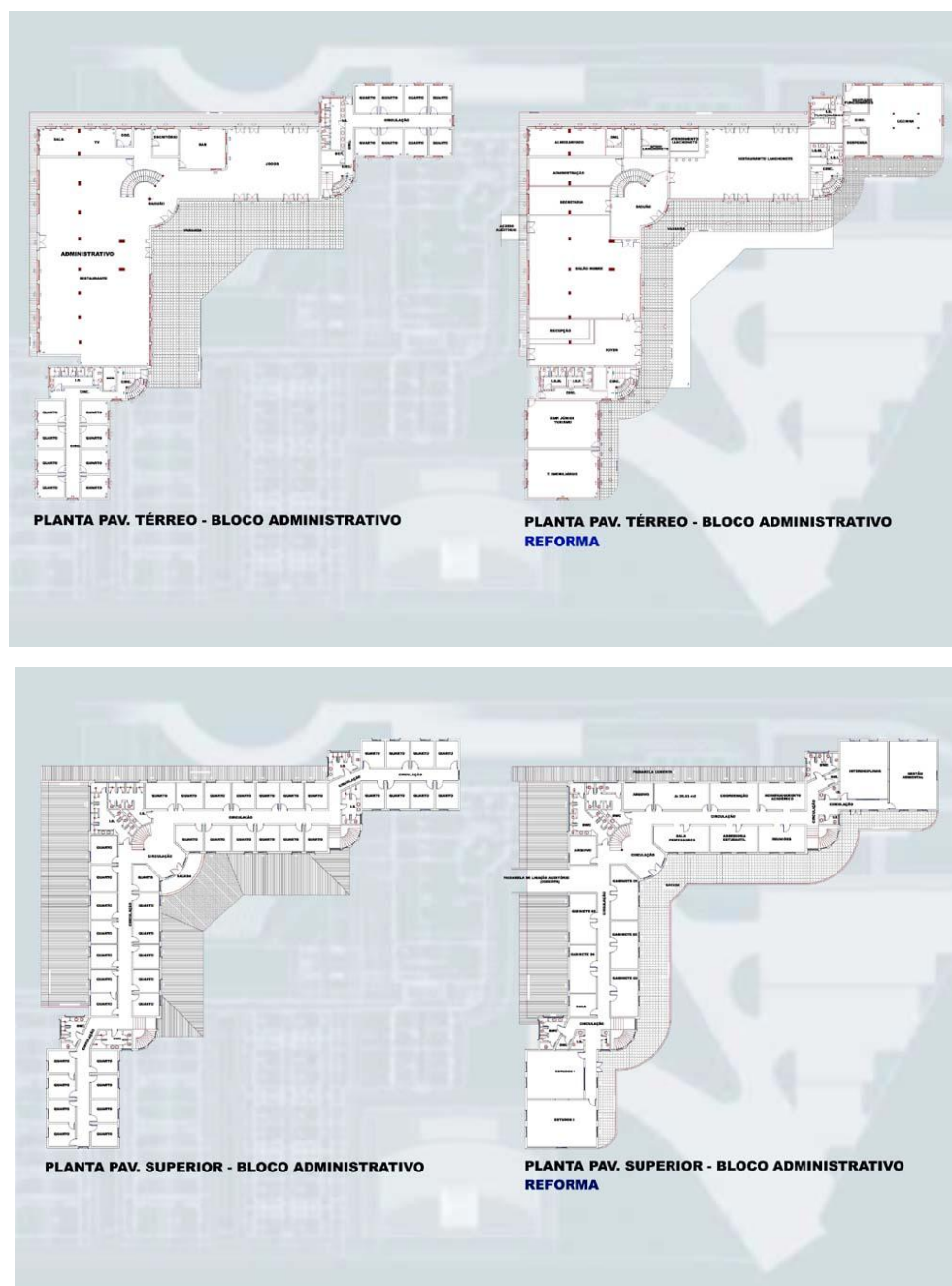
FIGURA 4 – VISTA FRONTAL DO PRÉDIO ADMINISTRATIVO DO SETOR LITORAL, 2008



A área construída da UFPR Litoral, após a construção da 1ª etapa das obras, tem a seguinte distribuição:

- 1 prédio administrativo restaurado com uma área total construída de aproximadamente de 2.208 m² (Figura 5). Neste prédio está localizada a biblioteca com área destinada ao acervo e sala de estudos; área destinada aos serviços administrativos, assim discriminada: uma sala destinada à direção, à Vice-Direção, sala de professores, Coordenação, Acompanhamento Acadêmico, Assessoria Estudantil, uma sala destinada à secretaria, um amplo centro de convivência, uma “cozinha”, uma sala de coordenação de projetos, uma sala de reunião das coordenações, almoxarifado e duas salas de estudo. A biblioteca possui um acervo totalmente informatizado através do sistema bibliodata, e conta com vários serviços aos usuários, tais como o sistema de empréstimo (livros, fitas de vídeo, dvd's, mapas, teses e dissertações).

FIGURA 5 – PLANTA BAIXA DO BLOCO ADMINISTRATIVO DO SETOR LITORAL, 2006



- 1 bloco de salas de aula com 3 andares (18 salas de aula com capacidade para 50 estudantes), com 1506 m² de área construída (Figura 6).

FIGURA 6 – PLANTA BAIXA DAS SALAS DE AULA DO SETOR LITORAL E VISTA FRONTAL DO PRÉDIO, 2006



- 6 laboratórios com 644 m² de área construída assim dispostos (Figura 7):

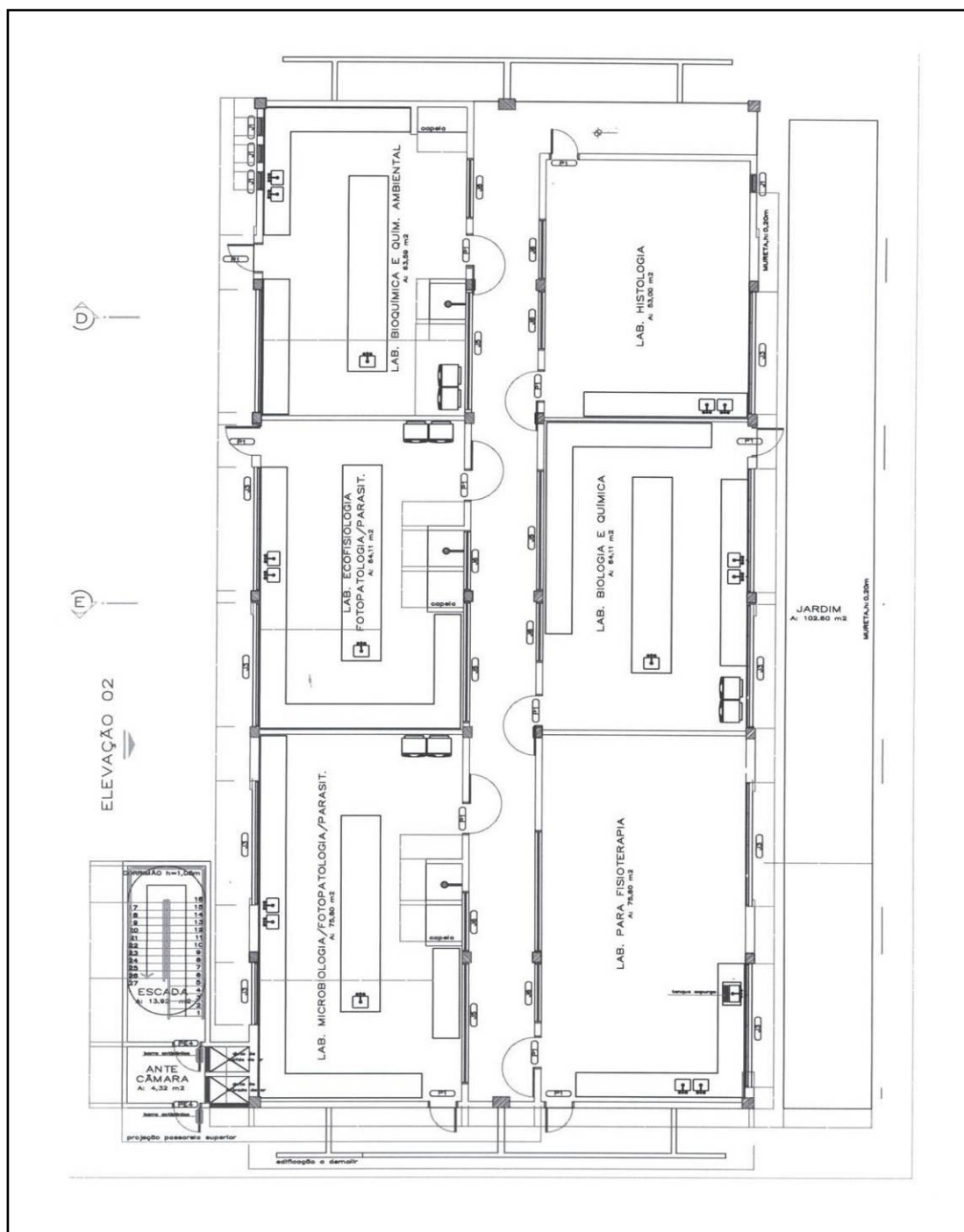
- Laboratório 01 (63,59 m²) – Precisão (bioquímica e química ambiental);
- Laboratório 02 (53,00 m²) – Enfermagem;
- Laboratório 03 (64,11 m²) – Análises Químicas (ecofisiologia e fotopatologia);
- Laboratório 04 (64,11 m²) – Campo e Física (biologia e biodiversidade);
- Laboratório 05 (75,50 m²) – Análises Biológicas (microbiologia e parasitologia);
- Laboratório 06 (75,15 m²) – Morfologia e Anatomia (histologia).

Estes laboratórios são equipados com diversos equipamentos, conforme quadro 4.

QUADRO 4 – LISTA DE EQUIPAMENTOS DOS LABORATÓRIOS DO SETOR LITORAL

EQUIPAMENTOS	
Agitador magnético c/ aquecimento (20)	Estereomicroscópio binocular (30)
Autoclave vertical (4)	Estufa incubadora para BOD (2)
Balança de precisão (0,1g) (2)	Estufa para secagem e esterilização (6)
Balança de precisão (2200g) (3)	Evaporador Rotativo (1)
Balança digital capacidade 150kg (3)	Fonte de Eletroforese (1)
Balanças de precisão (3)	Forno mufla (1)
Banho-maria (2)	GPS (5)
Barco/Kit navegação/Carreta (1)	Medidor de oxigênio dissolvido (1)
Bomba de vácuo e pressão (2)	Microcentrífuga (1)
Caminhonete 4x4	Micropipetas (27)
Capela de exaustão de gases (média) (3)	Microscópio binocular (30)
Capela de fluxo laminar (1)	Mini centrífuga (1)
Centrífuga de bancada (15000rpm) (1)	Minicentrífuga – SPIN (1)
Condutivímetro (3)	Phmetro digital de bancada (2)
Contador eletrônico de colônias (2)	Purificador de água ultrapura (1)
Cuba de Eletroforese (7/15) (2)	Termociclador (1)
Destilador de água (2)	Termohigômetro (1)
Espectrofotômetro de AA (importado) (1)	Transiluminador/sistema de captura (1)
Espectrofotômetro mono-feixe (1)	Turbidímetro (1)
Espectrofotômetro UV-visível (1)	Microcomputador P4, 3. GHz, MMB 1 ou 2 GB, Leitor de DVD e monitor de LCD (1)

FIGURA 7 – PLANTA BAIXO DOS LABORATÓRIOS DO SETOR LITORAL, 2006



- 2 Laboratórios de Informática, com 54,00 m² cada, equipados com 62 Microcomputadores (P4, 3. GHz, MMB 1 ou 2 GB, Leitor de DVD e monitor de LCD ou CRT. O Laboratório de informática 1 é para uso geral dos estudantes e aula; e o laboratório de informática 2 para aula e projetos específicos.

Para que a estrutura administrativa e pedagógica pudesse ocupar os espaços entregues em dezembro de 2006, foi necessária uma reforma elétrica e lógica em todo o prédio administrativo de forma que este suportasse a demanda de uso. Atualmente o enlace entre a UFPR Curitiba com a UFPR Litoral está em funcionamento através de um link de fibra ótica.

Cabe salientar que o Setor Litoral ainda está na segunda fase de obras das três previstas, faltando a entrega do bloco da biblioteca (com 643 m² de área construída e capacidade para 17.000 livros / 10.000 títulos), do auditório (404 lugares, totalizando uma área construída de 887 m²) e de um dos dois blocos de salas de aula e setor administrativo (projetos), com 1506 m² de área construída (cada bloco).

Além dessas fases, existem as parcerias com as três esferas governamentais (municipal, estadual e federal) e seus órgãos complementares e suplementares que contribuem para o crescimento e a abrangência do projeto.

Estão em negociação com o Governo do Estado do Paraná duas áreas externas para implantação da Fazenda-Escola, no município de Morretes/PR.

- frota de veículos.

A UFPR Litoral dispõe de uma frota de veículos para atender as demandas acadêmicas, conforme quadro 5.

QUADRO 5 – FROTA DE VEÍCULOS DO SETOR LITORAL

VEÍCULO	ORIGEM
1 Kombi	UFPR
1 Fiat UNO	UFPR
2 Ônibus de viagem	Doados pela Receita Estadual
1 Microônibus	Adquirido - Convênio 107/05 MEC
1 Ônibus de viagem	Adquirido - Convênio 107/05 MEC
1 Van	Adquirido – Convênio 01/05 SETI
1 Ônibus de viagem	Convênio 107/05 MEC
1 Kombi	Convênio 107/05 MEC
2 Fiat UNO	Convênio 107/05 MEC
1 Fiat Siena	Convênio 107/05 MEC
1 Trator	Convênio 107/05 MEC
1 Barco com Kit navegação e Carreta	Convênio 107/05 MEC
1 Caminhonete 4x4	Convênio 107/05 MEC

13.1 CONDIÇÕES DE ACESSO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E/OU MOBILIDADE REDUZIDA

As atividades planejadas para os alunos do curso de Tecnologia em Agroecologia, bem como dos demais cursos do Setor Litoral, levam em consideração as necessidades de todos os ingressantes, inclusive aqueles com algum tipo de deficiência, obesos e idosos. Ainda, consideram o atendimento às normas que se refere à acessibilidade, garantindo pleno acesso em todos os locais de uso público ou coletivo, por meio de construção de rampas de acesso, colocação de corrimões, adequação de piso, elevadores, entre outros.

O Setor Litoral conta com o apoio do CEPIGRAD – Coordenação de Políticas Inovadoras na Graduação do Nane (Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais), do Napa (Núcleo de Acompanhamento das Políticas Afirmativas da UFPR), e com uma sede do Napne (Labnapne), o qual implementa estratégias para a inclusão da comunidade universitária com necessidades especiais (surdez; física-motora, visual; altas habilidades e transtornos globais de desenvolvimento). Possui uma equipe especializada para o atendimento educacional e psicopedagógico, um grupo de trabalho formado por professores pesquisadores, servidores, bolsistas de graduação, pós-graduação e estagiários, e um laboratório de acessibilidade (equipamentos e softwares específicos), além de articular espaços de formação e pesquisas ligados à área da inclusão educacional.

14 PESSOAL DOCENTE E TÉCNICO ENVOLVIDO NO CURSO

A proposta pedagógica da UFPR Litoral prima por um corpo docente de formação interdisciplinar e que todos os docentes estejam envolvidos com os cursos do Setor e disponíveis às necessidades dos projetos de aprendizagem e para isso, todos os professores lotados no Setor Litoral estão em regime de dedicação exclusiva. O corpo de servidores técnico-administrativos da UFPR Litoral atua de forma integrada nas áreas administrativa e acadêmica. Esta integração é peça

fundamental para o acompanhamento do projeto, pela flexibilidade e interação com o corpo docente e atividades administrativo-pedagógicas.

A Câmara¹⁶ de Agroecologia esta organizada por profissionais de diferentes áreas de conhecimento, titulações e histórias de vida, construindo-se um ambiente plural que incorpora grande diversidade de opiniões (quadro 6).

Outros docentes e técnicos-administrativos lotados no Setor Litoral (Quadro 7), também contribuem direta ou indiretamente com o Curso, valendo ressaltar que a partir de 2010 o quadro funcional do Setor deverá estar finalmente consolidado.

QUADRO 6 – DOCENTES E TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS COMPONENTES DA CÂMARA DO CURSO DE AGROECOLOGIA DA UFPR SETOR LITORAL, 2008

NOME	FUNÇÃO	REGIME DE TRABALHO
Afonso Takao Murata	DOCENTE	Dedicação Exclusiva
Cinthia Maria de Sena Abrahão	DOCENTE	Dedicação Exclusiva
Cristiane Rocha Silva	DOCENTE	Dedicação Exclusiva
Christine Hauer Piekarz	TÉCNICO-ADMINISTRATIVO	40 Horas
Daniel Canavese de Oliveira	DOCENTE	Dedicação Exclusiva
Diomar Augusto de Quadros	DOCENTE	Dedicação Exclusiva
Edmilson César Paglia	DOCENTE	Dedicação Exclusiva
Gabriela Schenato Bica	DOCENTE	Dedicação Exclusiva
João Batista Zanette	TÉCNICO-ADMINISTRATIVO	40 Horas
Márcia Marzagão Ribeiro	DOCENTE	Dedicação Exclusiva
Márcia Regina Ferreira	DOCENTE	Dedicação Exclusiva
Maximiliano Stersa Budke	TÉCNICO-ADMINISTRATIVO	40 Horas
Silvana Cássia Hoeller	DOCENTE	Dedicação Exclusiva
Sirlândia Schappo	DOCENTE	Dedicação Exclusiva

¹⁶ As Câmaras dos Cursos são as sub-unidades administrativas, que em termos pedagógicos e metodológicos, são a consciência participativa conforme o PPP do Litoral. “É um órgão de deliberação no âmbito do Curso, e a quem compete, entre outras, a tarefa de elaboração da proposta pedagógica de cada curso e tem assento todos os professores dessa Câmara, representante(s) dos técnicos, representante(s) discente e Direção.” (PPP, p. 31-32).

QUADRO 7 – TITULAÇÃO DOS DOCENTES E TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS LOTADOS NO SETOR LITORAL, 2008

Continua

NOME	GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO	DOCTORADO
Prof. Afonso Takao Murata	Agronomia - UNESP - 1993	-	Agronomia (Entomologia Agrícola) - UNESP - 1996	Biologia Comparada - USP - 2001
Alessandra Lemes	Estudos Sociais - Faculdades Espírita - 2000	-	-	-
Profª. Andréa Maximo Espínola	Arquitetura e Urbanismo - UFPR - 1996	Gestão Urbana - PUCPR - 1999	Planejamento Urbano e Regional - UFRGS - 2003	-
Andréia Assmann	Enfermagem - UFSC - 2006	Docência em Saúde - CBES - Cursando	-	-
Profª. Angela Massumi Katuta	Geografia (Licenciatura) - UNESP - 1990 / Geografia (Bacharelado) - UNESP - 1992	-	Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental - UNESP - 1997	Geografia (Geografia Física) - USP - 2004
Profª. Anna Raquel Silveira Gomes	Fisioterapia - PUCPR - 1998	-	Morfologia - UFPR - 2000	Ciências Fisiológicas - UFSCAR - 2005
Prof. Antonio Luis Serbena	Ciências Biológicas (Bacharelado e Licenciatura) - UFPR - 1996	Psicologia Corporal - Associação Sul-Brasileira de Psicologia Corporal - 1997	Ecologia e Conservação - UFMS - 2000	-
Prof. Antonio Sandro Schuartz	Serviço Social - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Curitiba - 1996	Gestão e Marketing - FESP - 2001	-	-
Profª. Arlete Ana Motter	Fisioterapia - PUCPR - 1992	Fisioterapia Cardio Respiratória - UTP - 1996	Engenharia de Produção com ênfase em Ergonomia - UFSC - 2001	Engenharia de Produção com ênfase em Ergonomia - UFSC - 2007
Prof. Breno Bellintani Guardia	Ciências Biológicas (Licenciatura) - USP - 1991	Ciências Biológicas - Uni Tubingen (Alemanha) - 1998	-	Ciências Biológicas - Uni Tubingen (Alemanha) - 2003
Profª. Carla Beatriz Franco Ruschmann	Pintura - Escola de Música e Belas Artes do Paraná - 1995	-	-	Belas Artes - Universidade de Granada (Espanha) - 2003
Christine Hauer Piekarz	Medicina Veterinária - UFPR - 2003	-	Ciências Veterinárias - UFPR - 2007	-
Profª. Cinthia M. de Sena Abrahão	Ciências Econômicas - UFU - 1991	Sociologia - UFU - 1992	História Econômica - USP - 1998	-

Continuando

NOME	GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO	DOCTORADO
Clarice Siqueira Gusso	Bibliotecária e Documentalista - UFPR - 1975	Administração Universitária - UFPR - 1995	-	-
Prof. Clynton Lourenço Corrêa	Fisioterapia - UGF - 1997	Fisioterapia Neurofuncional - UNESA - 1999	Ciências Morfológicas - UFRJ - 2002	Ciências Morfológicas - UFRJ - 2008
Profª. Cristiane Rocha Silva	Administração - UFV - 2003	-	Administração - UFLA - 2005	-
Prof. Daniel Canavese de Oliveira	Odontologia - UFPR - 2001	-	Saúde Coletiva (Epidemiologia) - IESC/UFRJ - 2004	Saúde Coletiva - IMS/UERJ – Cursando
Daniela Caetano Bianchini de Quadros	Serviço Social - FIES - 2001	Serviço Social: A Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar - UFPR - Cursando	-	-
David José de Andrade Silva	Letras Português-Inglês - FAFIJA - 2005	-	-	-
Débora Kaule	Desenho Industrial (Projeto do Produto) - PUCPR - 1999	-	-	-
Derdried Athanasio Johann	Enfermagem - UFPR - 2008	-	-	-
Prof. Diomar Augusto de Quadros	Nutrição - UNIBEM - 2000	Nutrição Clínica - UFPR - 2002	Tecnologia de Alimentos - UFPR - 2007	-
Profª. Dione Lorena Tinti	Ciências Sociais - FURB - 1992	Questões de Gênero e Desenvolvimento Sustentável - UFSC - 1994	Ciências Sociais - PUC - 1998	Sociologia Política - UFSC – 2004
Dirce de Fátima Minatel Bassi	Psicologia - UEM - 2001	Saúde Mental, Psicopatologia e Psicanálise - PUC - 2004	-	-
Douglas Ortiz Hamermuller	Pedagogia (Licenciatura Series Iniciais) - UFRGS - 2004	Gestão da Educação - PPGEDU - Cursando	-	-
Prof. Edmilson César Paglia	Agronomia - UDESC - 1993	Administração Rural - UNOCHAPECÓ - 1995 / Gestão Estratégica Empresarial - UPF - 2001	Agronomia - UFPR - 2004	Agronomia - UFPR – 2007
Prof. Eduardo Harder	Direito - UFPR - 2001	-	Direito - UFPR - 2005	-
Profª. Elsi do Rocio Cardoso Alano	Letras Português - UFPR - 1999	Gestão da Qualidade - UFPR - 2002	Desenvolvimento Rural Sustentável - UFPR - Cursando	-
Prof. Emerson Joucoski	Física - UFPR - 1997	-	Física - UFPR - 2002	Filosofia - UFSC – Cursando

Profª. Gabriela Schenato Bica	Zootecnia - UFSM - 2002	-	Agroecossistemas - UFSC - 2005	-
Profª. Giselle Ávila L. de Meirelles	Serviço Social - PUCPR - 1982	Serviço Social - PUCPR - 1985 / Educação e Trabalho - UFPR - 2000	Sociologia Política - UFPR - 2003	-
Profª. Helena Midori Kashiwagi	Arquitetura e Urbanismo - UFPR - 1992	Engenharia de Segurança do Trabalho - UFPR - 1993 / Gestão da Qualidade e Produtividade - UFPR - 1994	Geografia (Área de Concentração Análise e Gestão Ambiental) - UFPR - 2004	Geografia - UFPR – Cursando
Prof. Herrmann V. de Oliveira Müller	Educação Física (Licenciatura) - UFSM - 2001	-	Educação (Linha Trabalho e Educação) - UFSC - Cursando	-
Profª. Ione Maria Aschidamini	Enfermagem - PUCPR - 1975 / Yoga - Faculdade Biopsíquica de Curitiba - 1985	Metodologia do Ensino Superior - FACINTER - 2003	Saúde e Gestão do Trabalho (Área de Concentração Saúde da Família) - UNIVALI - 2005	-
Jacques Paul Deschamps	Ciências Econômicas - UFPR - 2005	Empreendedorismo e Gestão de Negócios - ISULPAR - Cursando	-	-
Prof. Jackson Góis da Silva	Química - USP - 1995	-	Ciências (Bioquímica) - USP - 2004 / Ensino de Ciências (Química) - USP - 2007	-
Janete Ferreira dos Santos	Gestão Empreendedora - FATEC - 2008	-	-	-
João Batista Zanette	Artes Práticas (Licenciatura) com Habil. Em Técnicas Agrícolas - UEPG - 1976	Gerência de Recursos Humanos - FAE - 1978	-	-
Profª. Joelma Zambão Estevam	Educação Artística (Artes Plásticas) - UFPR - 1992	Literatura - UTP - 1996	Engenharia de Produção - UFSC - 2000 / Educação - UTP - 2005	-
Jorge Luiz Lipski	Nível Médio	-	-	-
Prof. José Afonso dos Santos Santil	Turismo - UNIFOR – 1991	Administração Hoteleira - SENAC/CEATEL - 1994	Turismo e Hotelaria - UNIVALI - 2000	-
José Roberto Burger	Administração de Empresas - FESP – 1991	MBA em Gestão de Empresas - ISPG - 1995	-	-
Josiane Perussolo Cunico	Administração de Empresas - UNICEMP - 1995	-	-	-

Conrado				
Juliana Barbosa Ferrari	Biologia - UFPR – 2004	-	-	-
Juliano Fumaneri Weiss	Administração de Empresa - PUCPR - 2004	-	-	-
Profª. Jussara Rezende Araújo	Ciências da Comunicação (Jornalismo)	-	Teoria e Ensino da Comunicação - 1994	Ciências da Comunicação - USP -1999
Kelly Cristine Schibelbain Santos	Administração de Empresas - PUCPR	-	-	-
Liliam Maria Orquiza	Biblioteconomia - UEL - 1982	-	Planejamento e Administração de Sistemas de Informação - PUC Campinas - 2002	-
Profª. Liliani Marília Tiepolo	Biologia (Licenciatura e Bacharelado) - PUCPR - 1994	Metodologia da Ciência - FCHSC - 1997	Ciências Florestais - UFPR - 2002	Ciências Biológicas (Zoologia) - UFRJ – 2007
Profª. Lucia Helena Alencastro	Psicologia - UCPEL - 2000	Psicologia e Trabalho - UFPR - 2004	Educação: Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano - Cursando	-
Profª. Luciana Ferreira	Artes Plásticas - FAPPR - 1996	Metodologia do Ensino da Arte - FAPPR - 2000	Comunicação e Linguagens Verbais e Não Verbais - UTP - 2005	-
Luiz Arilton Vieira	Psicologia - Fac. Evangélica do PR - 2007	-	-	-
Prof. Luiz Fernando de Carli Lautert	Geografia - UFPR - 1995	-	Geografia - UNESP - 2000	-
Prof. Luiz Rogério O. da Silva	História - UFF - 1988	-	História - UNESP - 1994	História - UNICAMP – 2002
Prof. Manoel Flores Lesama	Agronomia - PUCRS - 1991	-	Zootecnia - UFSM - 1997	Agronomia - UFPR/INRA – 2002
Prof. Marcelo Chemin	Turismo - UEPG - 2001	-	Turismo e Hotelaria - UNIVALI - 2004	Geografia - UFPR - Cursando
Profª. Márcia Marzagão Ribeiro	Agronomia - UEPG - 1991	-	Engenharia Florestal (Silvicultura) - UFPR - 1996	Engenharia Florestal (Silvicultura) - UFPR - 2005
Profª. Márcia Regina Ferreira	Administração - UEM - 2000	-	Administração - UEM - 2003	Desenvolvimento Rural Sustentável - UFPR - Cursando
Marco Aurélio Guedes	Química (Bacharelado) -	-	Química - UFSC - 2002	Química - USP - 2007

	UFSC - 2000			
Prof. Marcos Claudio Signorelli	Fisioterapia - FURB - 2002	-	Biologia Celular e Molecular (Fisiologia) - UFPR - 2006	-
Prof. Margio Cezar Loss Klock	Física (Licenciatura e Bacharelado) - UFPR - 1993	-	Engenharia Biomédica - CEFETPR - 2002	Engenharia Biomédica - UTFPR/LLUMC - 2006
Profª. Mariana Pfeifer Machado	Serviço Social - UFSC - 2003	Gestão de Pessoas nas Organizações - UFSC - 2003	Serviço Social - UFSC - 2006	-
Profª. Marília P. F. Murata	Desenho Industrial (Programação Visual) - UNESP - 1994 / Psicologia- USP - 2000	Coordenação de Grupos / Psicopedagogia	Comunicação - UNESP	-
Marlon A. Generoso	Sistemas de Informação - UNIANDRADE - 2004	-	-	-
Mauricio R. N. Martins	Admin. de Empresas com Habil. em Com. Exterior - FESP - 1994	-	-	-
Maximiliano Stersa Budke	Técnico Agropecuária - 1997	-	-	-
Profª. Mayra Taiza Sulzbach	Ciências Econômicas - UFSC - 1993	-	Desenvolvimento Econômico - UFPR - 1998	Doutorado em Economia Industrial - Université Paris 1 (França) - 2004 / Desenvolvimento Econômico - UFPR - 2005
Profª. Nadia Terezinha Covolan	Enfermagem - UFSC - 1979 / Filosofia - UFPR - 1989	Saúde Pública - FEPEVI - 1979 / Enfermagem do Trabalho - UFPR - 1983 / Pensamento Contemporâneo - PUCPR - 1989	Tecnologia (Tecnologia e Trabalho) - CEFETPR - 2001	Interdisciplinar em Ciências Humanas - UFSC - 2005
Neloeci dos Santos	Gestão Pública - FATEC - Cursando	-	-	-
Paula Fernanda N. Ramalho	Gestão Ambiental - UFPR - Cursando	-	-	-
Prof. Paulo Henrique c. Marques	Ciências Biológicas - UFPR - 1994	-	Ecologia e Recursos Naturais - UFSCAR - 2000	Ciências Biológicas: Ecologia e Recursos Naturais - UFSCAR - 2004
Priscilla Hidalgo Santos	Secretariado Executivo Trilíngue - UEM - 2007	-	-	-

Continuando

NOME	GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO	DOCTORADO
Rafael Jamur	Gestão e Empreendedorismo - UFPR - Cursando	-	-	-
Prof. Renato Boichichio	Engenharia Florestal - UFPR - 1997	-	Ciências (Bioquímica) - UFPR - 1999	Ciências (Bioquímica) - UFPR - 2003
Ringo Bez de Jesus	-	-	-	-
Prof. Rodrigo Arantes Reis	Ciências Biológicas - UFPR - 1999	-	Ciências (Bioquímica) - UFPR - 2001	Ciências (Bioquímica) - UFPR - 2005
Prof. Rodrigo Rossi Horochovski	Ciências Sociais - UFPR - 1995	-	Sociologia - UFPR - 2000	Sociologia Política - UFSC - 2007
Prof. Rodrigo Vassoler Serrato	Biologia - UFPR - 2002	-	Bioquímica - UFPR - 2004	Bioquímica - UFPR - Cursando
Roger Raupp Cipriano	Ciências Biológicas - UFPR - 2002	-	Ciências Biológicas (Genética) - UFPR - 2005	-
Rosangela Valachinski Gandin	Pedagogia (Licenciatura) - UFPR - 2002	Pedagogia Empresarial - IBPEX - 2004	-	-
Profª. Silvana Cássia Hoeller	Agronomia - UFPR - 2000	-	Agronomia (Produção Vegetal) - UFPR - 2006	-
Profª. Sirlândia Schappo	Serviço Social - UFSC - 2000	-	Sociologia Política - UFSC - 2003	Sociologia - UNICAMP - Cursando
Talita Regina Coelho	Fisioterapia - UNIOESTE - 2005	Fisioterapia Ortopédica e Traumatológica - UNIOESTE - 2006	-	-
Prof. Valdir Frigo Denardin	Ciências Econômicas - UFSM - 1993	-	Economia Rural - UFRGS - 1997	Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade - CPDA/UFRRJ - 2004
Prof. Valdo José Cavallet	Agronomia - UFPR - 1978	Desenvolvimento Agrário e Formação Profissional - UNIFI Itália - 1997	Ciências do Solo - UFPR - 1988	Educação - USP - 1988
Profª. Vera Lúcia Israel	Fisioterapia - PUCPR - 1984 / Educação Física - UFPR - 1987	-	Educação Especial - UFSCAR - 1993	Educação Especial - UFSCAR - 2000
Prof. Vilson Aparecido da Mata	Educação Física - UEM - 1991	-	Educação - UEM - 2000	-
Prof. Walter Martin Widmer	Ciências Biológicas - UFSC - 1993	-	Engenharia Ambiental - UFSC - 1997	Ciência - Universidade de Sydney (Austrália) - 2003

15 CERTIFICADOS E DIPLOMAS

Receberá o Diploma de Tecnólogo em Agroecologia o estudante que concluir todas as etapas do currículo do curso, incluindo atingir os objetivos dos fundamentos teórico-práticos, interações culturais e humanísticas, projeto de aprendizagem e as atividades formativas complementares.

**ANEXO 1 – NORMATIVA 01/2008 CT-AGRO: ATIVIDADES FORMATIVAS
COMPLEMENTARES**

A Resolução nº 70/04-CEPE, que dispõe sobre as atividades formativas na flexibilização dos currículos dos cursos de graduação e ensino profissionalizante da UFPR resolve que as atividades formativas são constituídas de atividades complementares em relação ao eixo fundamental do currículo, objetivando sua flexibilização, e devem estar contempladas nos Projetos Pedagógicos dos cursos, para o enriquecimento da formação acadêmico-profissional dos alunos. Devem, também, contemplar a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, assegurando seu caráter interdisciplinar, em relação às diversas áreas do conhecimento, respeitando, no entanto, o Projeto Pedagógico de cada Curso.

Com base na resolução acima, a Câmara do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia resolve que constituem-se Atividades Formativas Complementares, com possibilidade de validação de carga horária curricular, o que segue:

Lista de atividades formativas para o curso superior de Tecnologia em Agroecologia:

Descrição da Atividade	Carga horária máxima para validação (horas/aula)
I – Disciplinas ou Módulos eletivos	60
II – Estágio supervisionado não-obrigatório relacionado aos fundamentos teórico-práticos estruturantes do currículo do curso	90
III – Atividades de monitoria	90
IV – Atividades de pesquisa e iniciação científica	90
V – Atividades de extensão, registradas na PROEC ou órgão competente	90
VI – Atividades em educação à distância – EAD, relacionadas aos fundamentos teórico-práticos estruturantes do currículo do curso	30
VII – Atividades de representação acadêmica	30
VIII – Participação em grupos artísticos ou projetos de formação cultural, devidamente reconhecidos	30
IX – Participação (ouvinte) em seminários, jornadas, congressos, eventos, simpósios, cursos e atividades afins	60
X – Participação no Programa Especial de Treinamento	90
XI – Participação em projetos de educação formal	90
XII – Participação em programas de voluntariado	30
XIII – Participação em programas e projetos institucionais	30
XIV – Participação em Empresa Júnior, reconhecida formalmente como tal pela UFPR	30
XV – Publicação de artigos em jornais, revistas e outras publicações de interesse	Até 5 artigos (20 horas/artigo)
XVI – Apresentação de trabalhos em eventos técnico-científicos	Até 5 trabalhos (15 horas/trabalho)

REGULAMENTAÇÃO

- 1 – Para receber o grau de TECNÓLOGO EM AGROECOLOGIA, é obrigatório o cumprimento da carga horária mínima de 100 horas/aula em atividades formativas complementares;
- 2 – Recomenda-se que o cumprimento das atividades formativas seja realizado no decorrer dos seis (06) semestres do curso, a fim de evitar o acúmulo de atividades no último ano do curso;
- 3 – O estudante deve cumprir no mínimo 60% da carga (60h) relacionada aos Fundamentos teórico-práticos estruturantes do currículo do curso de Agroecologia. A carga horária restante (40h) poderá ser cumprida em outras áreas de conhecimento;
- 4 – As atividades consideradas formativas estão discriminadas na Tabela 1, bem como a carga horária máxima, em horas/aula, aceita para validação das mesmas;
- 5 – As atividades de pesquisa, extensão e de educação formal não podem estar vinculadas ao Projeto de Aprendizagem do estudante;
- 6 – As atividades formativas não podem ser realizadas no espaço destinado às Interações Culturais e Humanísticas, Projetos de Aprendizagem ou Fundamentos Teórico-práticos;
- 7 – Serão aceitos como comprovantes para validação das atividades: certificados, declaração formal de responsável pela atividade; Os comprovantes deverão ser entregues junto com a ficha padrão (anexo 1), devidamente preenchida;
- 8 - A entrega das cópias reprográficas de certificados e comprovantes das atividades deverá ser feita no Atendimento Acadêmico, no prazo de 30 dias decorridos após o término da atividade; Nenhum documento será analisado fora do prazo;
- 9 – A Câmara do Curso de Agroecologia é responsável por avaliar e validar ou não, os documentos encaminhados, bem como encaminhá-los ao registro acadêmico, após a avaliação, para registro no histórico escolar do estudante;
- 10 – A Comissão para acompanhamento das atividades formativas será composta por membros da Câmara do Curso de Agroecologia;
- 11 – É de total responsabilidade do estudante controlar o cumprimento da carga horária em atividades formativas. O não cumprimento da carga horária mínima prevista (100h) implicará na não obtenção do grau de TECNÓLOGO EM AGROECOLOGIA, no tempo regulamentar do curso;
- 12 – Casos omissos serão analisados pela Câmara do Curso de Agroecologia.

ANEXO 2 – QUADRO DE INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR

FUNDAMENTOS TEÓRICO-PRÁTICOS	FASES DO CURRÍCULO/SEMESTRES						
	Fase 01		Fase 02		Fase 03		TOTAL
EIXO: INTRODUÇÃO À AGROECOLOGIA	1º	2º	3º	4º	5º	6º	CH
Módulo: Ruralidades I e II	40	40					80
Módulo: Princípios de Agroecologia e Complexidade I e II	40	40					80
Módulo: Vida nos ecossistemas I, II, III.	40	40	40				120
Módulo: Princípios de sistemas de produção I e II	40	40					80
Módulo: Ecologia I e II	40	40					80
EIXO: PRODUÇÃO							
Módulo: Relações nos agroecossistemas I e II			40	40			80
Módulo: Sistemas Agroflorestais					40		40
Módulo: Manejo de fauna e flora I e II			40	40			80
Módulo: Segurança alimentar e processamento de alimentos I e II					40	40	80
Módulo: Produção animal e vegetal I, II e III				40	40	40	120
EIXO: EDUCAÇÃO							
Módulo: Processos de comunicação e intervenções em comunidades			40				40
Módulo: Educação do campo				40			40
Módulo: Instrumentos de intervenção I e II					40	40	80
EIXO: GESTÃO							
Módulo: Desenvolvimento local			40				40
Módulo: Economia e mercado				40			40
Módulo: Planejamento e Gestão Rural I e II					40	40	80
EIXO: SÍNTESE							
Módulo: Síntese I, II, III, IV, V, VI	40	40	40	40	40	80	280
INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS							
ICH I, II, III, IV, V, VI	80	80	80	80	80	80	480
PROJETOS DE APRENDIZAGEM							
Projetos I, II, III, IV, V, VI	80	80	80	80	80	80	480
ATIVIDADES FORMATIVAS COMPLEMENTARES*							100
Carga Horária/semestre/total	400	400	400	400	400	400	2500

**ANEXO 3 – EMENTÁRIO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA -
FUNDAMENTOS TEÓRICO-PRÁTICOS**

1ª Fase - Conhecer e Compreender - Percepção Crítica da Realidade**FUNDAMENTOS TEÓRICO-PRÁTICOS I**

OBJETIVO DA 1ª FASE - Conhecer e compreender os desafios sócio-ambientais da agroecologia.

CARGA HORÁRIA DA FASE: 800 HORAS

MÓDULOS: Ruralidades I e II, Princípios de Agroecologia e complexidade I e II, Vida nos ecossistemas I e II, Princípios de sistemas de produção I e II, Ecologia I e II, Síntese I e II.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABRAMOVAY, R. O Que é Fome? São Paulo: Ed. Brasiliense. Col. Primeiros Passos, n.102. 2ª ed. 1983.

AGOSTINHO, M. E. **Complexidade e organizações:** em busca da gestão autônoma. São Paulo: Atlas, 2003. 142 p.

ALMEIDA, M. C.; CARVALHO, E. A. (orgs.) **Educação e complexidade:** os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2002. 102 p.

ALTIERI, M. A. Agroecologia: a Ciência da Agricultura Sustentável. Rio de Janeiro: AS-PTA e Ed. Agropec. Trad. Eli Lino de Jesus e Patrícia Vaz. 2002.

ALVES, R. Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

BASTOS, L. Ap. Transformações Sócio-econômicas redundantes da industrialização da Agricultura Paranaense na década de 70. Rev. Perspec. Contemp. Campo Mourão, v.1, n.1, jan./jul., 2006.

BRANDENBURG, A. (org.) **Desenvolvimento e meio ambiente:** caminhos da agricultura ecológica. Curitiba: Editora UFPR, 2002. 120 p.

BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento rural sustentável:** metodologia de planejamento. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 177 p.

CARVALHO, E. A.; MENDONÇA, T. **Ensaio de complexidade 2.** Porto Alegre: Sulina, 2003. 312 p.

CHABOUSSOU, F. Plantas doentes pelo uso de agrotóxico: novas bases de uma prevenção contra doenças e parasitas – a teoria da trofobiose. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 320p.

DI STASI, L. C. (org.) **Plantas medicinais: arte e ciência. Um guia de estudo interdisciplinar.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. 230 p.

DOMINGUES, I. **Conhecimento e transdisciplinaridade.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 77 p.

EHLERS, E. Agricultura Sustentável: Origem e Perspectivas de um Novo Paradigma. São Paulo: Livros da Terra Ed., 1996. 178 p.

FERREIRA, A. D. D.; BRANDENBURG, A. **Para pensar outra agricultura.** Curitiba: Editora UFPR, 1998. 275 p.

FERREIRA, J. C. V. O Paraná e seus Municípios. Editora Memória Brasileira: Maringá/PR, 1996.

FERRI, G. M. (coord.). Fisiologia Vegetal 1 . 2. ed. São Paulo: EPU, 1985.

FERRI, G. M. Botânica: Morfologia externa das plantas. 15 Ed. São Paulo : Nobel, 1983.

FLORIANI, D. **Desenvolvimento e meio ambiente:** teoria e metodologia em meio ambiente e desenvolvimento. Curitiba: Editora UFPR, 2001. 66 p

FRIAÇA, A.; ALONSO, L. K.; LACOMBE, M; BARROS, V. M. (orgs.) **Educação e transdisciplinaridade III.** São Paulo: TRIOM, 2005. 535 p.

FURTADO, C. Formação Econômica do Brasil. SP: Cia. Editora Nacional, 1991.

GALLO *et al.* Manual de entomologia agrícola. São Paulo: Ceres, 1988.

GLIESSMAN, S. R. Agroecologia: Processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

GRAZIANO NETO, F. **O paradoxo agrário.** Campinas, SP: Pontes, 1999. 107 p.

GUELLI, O. , Uma Aventura do Pensamento, Matemática, 5ª a 8ª Séries, Ensino Fundamental, Ed. Ática, São Paulo, 2000.

HOWARD, Sir A. Um testamento Agrícola. São Paulo: Expressão Popular. Trad. Eli Lino de Jesus. No prelo.

IEZZI, G. et al Matemática. Vol. Único. 2ª ed. Ed. Atual. SP: São Paulo, 2002.

JAKUBOVIC, J., Matemática na Medida Certa, 5ª a 8ª séries, Ensino Fundamental, Ed.Scipione, São Paulo, 2006.

KHATOUNIAN, C. A. **A reconstrução ecológica da agricultura.** Botucatu, SP: Agroecológica, 2001. 348 p.

LEFF, E. (coord.). A complexidade ambiental. São Paulo: Cortez, 2003.

LEHNINGER, A.L.; Princípios de bioquímica, 4ª Ed., Editora Sarver, 2006.

LIMA, M. D. V; MENDONÇA, F. (orgs.) **Desenvolvimento e meio ambiente:** interdisciplinaridade, meio ambiente e desenvolvimento – desafios e avanços do ensino e da pesquisa. Curitiba: Editora UFPR, 2004. 192 p.

LORENZI, H.; SOUZA, V.C. Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de angiospermas da flora brasileira, baseado em APGII. Nova Odessa, SP. Instituto Plantarum, 2005.

LORENZI, H.; SOUZA, V.C. Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de angiospermas da

LUCHESI, E.B.; FAVERO, L.O.B.; LENZI, E.; Fundamentos da Química do Solo, 2ª Ed Freitas Bastos Editora: Rio de Janeiro, 2002.

MEURER, E. J. Fundamentos de química do solo. Porto Alegre: Gênese, 2000. 174p.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 19.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. 80 p.

MOREIRA, F.M.S; SIQUEIRA, J.O. Microbiologia e bioquímica do solo. Lavras: Editora UFLA, 2006. 729p.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. 177 p.

ODUM, E. 1988. Ecologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

RAYNAUT, C.; ZANONI, M.; LANA, P. C.; FLORIANI, D; FERREIRA, A. D. D; ANDRIGUETTO, J.. M. (orgs.) **Desenvolvimento e meio ambiente:** em busca da interdisciplinaridade – pesquisas urbanas e rurais. Curitiba: Editora UFPR, 2002. 228 p.

SILVA, J. G. O Que é Questão Agrária? São Paulo: Ed. Brasiliense. Col. Primeiros Passos, n. 18, 3ª ed. 1980. 108 p.

TOWNSEND, C.R. Fundamentos em Ecologia, 2a ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

VEIGA, J. E. O Que é Reforma Agrária? São Paulo: Ed. Brasiliense. Col. Primeiros Passos n. 33, 1981 87 p.

WITTMANN, M. L.; RAMOS, M. P. **Desenvolvimento regional:** capital social, redes e planejamento. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. 215 p.

ZAMBERLAM, J. P; FRONCHETI, A. Agricultura Ecológica: preservação do pequeno agricultor e do meio ambiente. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ZEIGER, E. TAIZ, L. Fisiologia Vegetal. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AB'SABER, A. 2002. Os domínios de natureza no Brasil. São Paulo: Ateliê Editorial.

ALVES, R. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e as regras. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ARL, V. e RINKLIN H. Livro verde: agroecologia. Passo Fundo , RS: Berthier Gráfica, 2001.

BERG, M.J. TYMOCZKO, L.J. *et al.* Bioquímica, 5ª ed. Ed. Guanabara: Rio de Janeiro, 2004.

BRANDENBURG, A. **Agricultura familiar, ONGs e desenvolvimento sustentável.** Curitiba: Editora UFPR, 1999.326 p.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Análise multidimensional da sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da agroecologia. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.3, n.3, Jul/Set. 2002.

CAPRA, F. **O ponto de mutação.** São Paulo: Cultrix, 1982. 445 p.

DANTE, L.R., Tudo é Matemática, 5ª a 8ª séries, Ensino Fundamental, Ed.Ática, São Paulo, 2004.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2000.216 p.

DRUMMOND, J. A. Mata Atlântica: a história de uma destruição. Revista de Estudos Históricos. RJ, n. 17, 1996.

FAZENDA, I. (org.) **Didática e interdisciplinaridade.** Campinas, SP: Papirus, 1998. 192 p.

FONTE, N. N. **A complexidade das plantas medicinais:** algumas questões de sua produção e comercialização. Curitiba: 2004. 183 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Agronomia - Produção Vegetal, Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná.

FRAGA, N. C. Mudanças e Permanências na rede viária do Contestado: uma abordagem acerca da formação territorial no Sul do Brasil. Tese de Doutorado. 2006. Curitiba.

IAPAR. Primeiro treinamento em análise ecoenergética de sistemas agrícolas.Ed. IAPAR,1985.

IPARDES. Planos Regionais de Desenvolvimento Estratégico do Estado do Paraná (PRDE). Encontros Regionais 2006. Relatórios e mapas.

JOLY, A. B. Botânica: introdução à taxonomia vegetal. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

KORTE, G. **Metodologia e transdisciplinaridade.** São Paulo, 2004. 191 p. Disponível em:
<www.gustavokorte.com.br/publicacoes/Metodologia_Transdisciplinar.pdf> Acesso em: 24 out. 2006.

KOTZ, J.C.; Química Geral e Reações Químicas Volumes 1 e 2, Editora Thomson Pioneira, 2005.

LEANDRO, J. A. Devastação e Tráfico de Madeira no litoral Paranaense. Revista de História Regional, v. 4, n. 2, 1999.

LIBÂNEO, J. C.; SANTOS, A. (orgs.) **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade.** Campinas, SP: Alínea, 2005. 239 p.

LICCARDO, A.; SOBANSKI, A. & CHODDUR, N.L. Paraná na História da Mineração no Brasil do Século XVII. Boletim Paranaense de Geociência. Ed. UFPR, n. 54, 2004.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

MAZOYER, M. et ROUDART, L. Histoire des Agricultures du Monde: du néolithique à la crise contemporaine. Paris: Ed. Du Seuil, 1997. 531 p.

MORIN, E. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI.** 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 588 p.

MORIN, E. **A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Cultrix, 1996. 256 p.

MORIN, E. **As conexões ocultas. Ciência para uma vida sustentável.** São Paulo: Cultrix, 2002. 296 p.

MORIN, E. **Ciência com consciência.** 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 344 p.

MORIN, E. **Complexidade e aprendizagem:** a dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas, 2002. 195 p.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro.** 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001(c). 116 p.

MORIN, E. Os sete saberes necessários a educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2004.

MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra-Pátria.** Porto Alegre: Sulina, 2000. 189 p.

MORIN, E.; LE MOIGNE, J. L. **A Inteligência da Complexidade.** 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000. 263 p.

MOTA, S. F. Meteorologia Agrícola- São Paulo: Nobel, 1983.

NICOLESCO, B., PINEAU, G., MATURANA, H., RANDOM, M., TAYLOR, P. **Educação e transdisciplinaridade.** Brasília: UNESCO, 2000. 185 p.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade.** São Paulo: TRIOM, 1999. 97 p.

PENA-VEGA A.; NASCIMENTO, E. P. **O pensamento complexo:** Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. 201 p.

RANDOM, M. **O pensamento transdisciplinar e o real.** São Paulo: TRIOM, 2000. 244 p.

RICKLEFS, R. E. 2003. A economia da natureza. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

RIDLEY, M. 2006. Evolução. Porto Alegre: Artmed.

ROUER, B., Sou Péssima em Matemática, Ensino Fundamental, Ed. Scipione, 2007.

RUSSEL, J.B.; Química Geral Volumes 1 e 2, Editora Makron, 1994.

SALGADO-LABOURIAU, M. L. 1994. História ecológica da terra. São Paulo: Edgard Blücher.

- SALLES, J. M.; CORREIA, M. S. e PÁDUA, J. A. O Vale: degradação ambiental e sócio-econômica do Vale do Paraíba. Filme-Documentário. Rio de Janeiro: Vídeo Filmes-GNT, 2000.
- SANTOS, A. **Didática sob a ótica do pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2003. 124 p.
- SILVEIRA, M. A.; VILELA, S. L. (orgs.) Globalização e sustentabilidade da agricultura. Jaguariúna, SP: EMBRAPA-CNPMA, 1988. 152 p.
- SOARES, L. J. Biologia. São Paulo: Scipione, 1994.
- SOMMERMAN, A.; MELLO, M. F.; BARROS, V. M. (orgs.) Educação e transdisciplinaridade II. São Paulo: TRIOM, 2002. 216 p.
- SOUZA, A. L. et AL. Morfologia e Anatomia Vegetal: técnicas e práticas. Ponta Grossa: UEPG, 2005. 194p.
- SUSAN, G. O. A Revolução Verde. In: Mercado da Fome: as verdadeiras razões da fome no mundo. Capítulo V, pp. 105-106. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- TOWNSEND, C. R.; BEGON, M.; HARPER, J. L. 2006. Fundamentos em ecologia. Porto Alegre: Artmed.
- UNGER, M. N. O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade. São Paulo: Edições Loyola, 1991
- VASCONCELLOS, J. R. (Coord.). CASTRO, D. Paraná: Economia, Finanças Públicas e Investimentos nos anos 90. Texto para Discussão. IPEA. Nº 624. Fev/99.
- VELA, H. (org.) **Agricultura familiar e desenvolvimento rural sustentável no mercosul**. Santa Maria, RS: AICD, 2003. 270 p.
- WACHOWICZ, L. A. (org.) **A interdisciplinaridade na Universidade**. Curitiba: Champagnat, 1998. 128 p.

2ª Fase – Compreender e Propor – Aprofundamento Metodológico e Científico**FUNDAMENTOS TEÓRICO-PRÁTICOS II**

OBJETIVO DA 2ª FASE - Compreender e propor alternativas agroecológicas para atender as demandas sócio-ambientais e econômicas.

CARGA HORÁRIA DA FASE: 800 horas

MÓDULOS: Vida nos ecossistemas III, Relações nos agroecossistemas I e II, Manejo de fauna e flora I e II, Produção animal e vegetal I, Processos de comunicação e intervenções em comunidades, Educação do campo, Desenvolvimento local, Economia e mercado, Síntese III e IV.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABRAMOVAY, R. Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão. 2ª ed. UNICAMP.IE, Campinas, 1998.

AFFONSO, C. Uso e ocupação do solo na zona costeira do estado. 1a ed. Editora Annablume. 2006.

ALTIERI, M. A. Agroecologia: a Ciência da Agricultura Sustentável. Rio de Janeiro: AS-PTA e Ed. Agropec. Trad. Eli Lino de Jesus e Patrícia Vaz. 2002.

ALTIERI, M. Agroecologia. A Dinâmica produtiva da Agricultura Sustentável. 4ed. Ed. UFRGS, 110 p., 2004.

ALTIERI, M. Agroecologia: a dinâmica da agricultura sustentável. 4 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ANDRADE, É. Análise de Alimentos, uma visão química da Nutrição. São Paulo: Varela, 2006. 238 p.

ANDRIGUETTO, J.M. et al. Normas e Padrões de Nutrição e Alimentação Animal, Nobel. São Paulo, 146 p.

ANDRIGUETTO, J.M. et al. Nutrição Animal, Vol. I. Nobel. São Paulo, 395 p.

ANDRIGUETTO, J.M. et al. Nutrição Animal, Vol. II. Nobel. São Paulo, 425 p.

ARROYO, M.G.; CALDART, R.S.; MOLINA, M.C. (Orgs.) Por uma Educação do Campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BANCO Regional do Extremo Sul. Redes de agroindústrias de pequeno porte: experiências em Santa Catarina. Florianópolis: BRDE, 2004.

- BASTOS, V.L. Para Entender a Economia Capitalista: noções introdutórias. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1991.
- BELIK, W. Segurança alimentar : a contribuição das universidades. São Paulo : Instituto Ethos, 2003.
- BOBBIO, F. O. Manual de laboratório de química de alimentos. São Paulo,SP: Livraria Varela, 2003.
- CALLOU, F.E. Comunicação rural, tecnologia e Desenvolvimento local. São Paulo: INTERCOM; Recife, 2002.
- CARDOSO, E.J.B.N.; TSAI, S.M.; NEVES, M.C.P. Microbiologia do solo. Campinas, Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 1992.
- CAVALCANTI, C. Desenvolvimento e Natureza. Estudos para uma Sociedade Sustentável. Ed. Cortez, 429p., 2003.
- CENTRO Nacional de Pesquisa de Mandioca e Fruticultura Tropical (Brasil). Processamento e utilização da mandioca/ Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical. Brasília : Embrapa Informação Tecnológica, 2005.
- CHABOUSSOU, F. Plantas doentes pelo uso de agrotóxicos (Teoria da trofobiose). 2ª ed. Porto Alegre: L & PM, 1999.
- CHABOUSSOU, F. Plantas doentes pelo uso de agrotóxicos: a teoria da trofobiose. Porto Alegre: L&M, 1987. 256p
- CHONCHOL, J. A soberania alimentar. Estudos. São Paulo, 2005.
- COSTA, M. B. B. (Org.) Adubação Verde no Sul do Brasil. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1993.
- DIAS, G.L.S. e AMARAL, C.M. Mudanças Estruturais na Agricultura Brasileira in BAUMANN, Renato (org.), Brasil Uma Década em Transição. Campus, Rio de Janeiro, 1999.
- EHLRS, E. Agricultura Sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma. 2ª ed. Guaíba: Agropecuária, 1999.
- EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. Sistema Brasileiro de classificação de solos, Brasília: EMBRAPA
- EMBRAPA. Sistema Brasileiro de Classificação de Solos. 306p, 2006.
- ENGLERT, S. Avicultura: Tudo sobre raças, manejo e alimentação. 7ª ed. atual. Livraria e Editora Agropecuária. Ltda. Guaíba, RS, 1998.
- FERNANDES, M.T. Plantas medicinais: memória da ciência no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ. 2004
- FILHO, A. et al. Manual de Economia: equipe de professores da USP. 3ª ed. Editora Saraiva. São Paulo, 1998.
- FONSECA, M. T. da A Extensão Rural no Brasil : Um Projeto Educativo para o Capital. São Paulo: Ed. Loyola, Col. Ed. Popular n º 3, 1985. 192 p.
- FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- FREIRE, P. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

- FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FROEHLICH, J. M.; DIESEL, V. (Orgs.). Desenvolvimento rural: tendências e debates contemporâneos. Ijuí: Unijui, 2006.
- GLIESSMAN, S. Agroecologia. Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável. 3ed., 653p, 2005.
- GLIESSMAN, S.R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 2000.
- GLIESSMANN, S. R. Agroecologia: processos Ecológicos em Agricultura Sustentável. Porto Alegre: Ed. UFRGS. Trad. M. J. Guazzelli, A. Freire, C. J. Schmitt, M. V. Guazzelli. 653 p.
- GUIMARÃES, A.P. A Crise Agrária. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.
- HOLMES, C. W. e G. F. WILSON. Produção de leite a pasto. 1ª edição. Instituto Campineiro de Ensino Agrícola. Campinas-SP. Brasil. 1990. 708 p.
- HOWARD, Sir A. Um testamento Agrícola. São Paulo: Expressão Popular. Trad. Eli Lino de Jesus. No prelo.
- IANNI, O. Origens Agrárias do Estado Brasileiro. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- JUNIOR, R. P. Melhoramento Genético de plantas. Curitiba, 1996.
- KIEHL, E. J. Fertilizantes Orgânicos. São Paulo: Ed. Agronômica Ceres, 1985. 352 p.
- KOEPPF, H. H. SHAUMANN, W. & PETERSSON, B. D. Agricultura Biodinâmica. São Paulo: Ed. Nobel, 1983. 326 p.
- LIANZA, S.; ADDOR, F. Tecnologia e desenvolvimento social solidário. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- LIMA, A.J.P. et al. Administração da unidade de produção familiar: modalidades de trabalho com agricultores. Ijuí: Unijuí, 1995.
- LORENZI, H. Árvores Brasileiras. Ed. Plantarum, v.1 e 2, 2002.
- LORENZI, H. Árvores Brasileiras. v. 2, 375p., 2002.
- LOVATO, P. E.; SCHMIDT, W. (Orgs.). Agroecologia e sustentabilidade no meio rural. Chapecó: Argos, 2006.
- MALAVOLTA, E.; VITTI, G. C.; OLIVEIRA, S. A. et al. Avaliação do estado nutricional das plantas: princípios e aplicações. 2º ed. Piracicaba: Potafos, 1997.
- MATTA, J. C. et al., Fitorremediação. O uso de plantas na melhoria da qualidade ambiental. Editora Ofitexto.
- MEURER, E.J. Fundamentos de Química de Solo. Porto Alegre, Ed. Gênese, 2000.
- MONEGAT, C. Plantas de Cobertura do Solo: características e manejo em pequenas propriedades. Chapecó: Ed. Do Autor, 1990.
- MOREIRA, F.S.; SIQUEIRA, J.O. Microbiologia e bioquímica do solo. Lavras: Editora UFLA, 2006.
- ODUM, P. E. Ecologia. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1998.

- ODUM, P. Ecologia. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1988.
- ODUM, P. Ecologia. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.
- ORDÓÑEZ, J. A. et al. Tecnologia de alimentos. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.
- OSAKI, F. Microbacias: práticas de conservação do solo. Curitiba. 1994.
- PINHEIRO MACHADO, L.C. Pastoreio Racional Voisin: tecnologia agroecológica para o terceiro milênio. Porto Alegre: Ed. Cinco Continentes. 2004.
- PINHEIRO MACHADO, L.C. Pastoreio Racional Voisin: tecnologia agroecológica para o terceiro milênio. Porto Alegre: Ed. Cinco Continentes. 2004.
- PRIMAVESI, A. Agricultura sustentável. São Paulo: Nobel. 1992.
- PRIMAVESI, A. Manejo Ecológico do Solo. Ed. Nobel, 549p, 2002.
- PRIMAVESI, M. A. O Manejo Ecológico do Solo: agricultura em regiões tropicais. São Paulo: Ed. Nobel, 1980.
- REJINTJES, C., WATERS-BAYER, A. HAVERKORT, B. Agricultura para o Futuro. Rio de Janeiro: AS-PTA. Trad. J. C. Commerford. 1994. 323 p.
- ROCHA, M. C. Orientações sobre segurança e higiene alimentar. Curitiba : SINDOTEL : SEBRAE/PR, 2006.
- ROCHA, M.; BELIK, W. et al. Segurança alimentar: um desafio para acabar com a fome no Brasil. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2004. Cadernos da Fundação Perseu Abramo ; 4)
- SACHS, I. Caminhos para o desenvolvimento sustentável. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- SEN, A. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SILVA, F.C. Manual de análises químicas de solos, plantas e fertilizantes. EMBRAPA Solos, EMBRAPA Informática
- SILVA, J.G. O Novo Rural Brasileiro. Campinas, UNICAMP.IE, 1999.
- SILVA, J.G. Progresso Técnico e Relações de Trabalho na Agricultura. São Paulo, Hucitec, 1981.
- SILVA, T. J. P. Tecnologia da carne e derivados. Curitiba: [s.n.], 1997.
- SINGER, P. Aprender Economia. Brasiliense. São Paulo, 1985.
- SINGER, P. Curso de Introdução a Economia Política. Ed. Forense Universitária, 6. ed. Rio de Janeiro, 1980.
- SOUZA, H.J. Algumas categorias para análise de conjuntura. In: Como se faz análise de conjuntura. 18 ed. Petrópolis: Vozes. P.9-18. 1998.
- SOUZA, N. J. Desenvolvimento econômico. São Paulo: Atlas, 4 ed.,1999.
- STEINER, R. Fundamentos da agricultura biodinâmica: vida nova para a terra. São Paulo: Antroposófica. 2000.
- TAIZ, L.; ZEIGER, E. Fisiologia vegetal, 3a ed. Porto Alegre: ARTMED, 2004.
- TEICHMANN, I. M. Tecnologia culinária. Caxias do Sul, RS : EDUCS, 2000.

TIRAPÉGUI, J. Nutrição, fundamentos e aspectos atuais. São Paulo: Atheneu, 2000. 284p.

VOISIN, A. Dinâmica das pastagens. São Paulo: Mestre Jou, 1975. 405p.

ZAPATA, T. Desenvolvimento territorial. Florianópolis: SEaD/UFSC, 2007. 153 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ACARESC, Suinocultura intensiva ao ar livre. Florianópolis: ACARESC. 1988.

AGROPECUÁRIA. Brasília: EMBRAPA Comunicação para transferência de tecnologia, 1999.

ALEXANDER, M. Introducion a la microbiologia del suelo. México. AGT: Editor. 1980.

ALMEIDA, J.A., FROELICH, J.M., RIEDL, M. Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. Coleção Turismo. Papirus editora.

ALMEIDA, J.A., RIEDL, M. Turismo Rural: Ecologia, Lazer e Desenvolvimento. Edusc. _

ALMEIDA, J.A., RIEDL, M., VIANA, A.L.B. Turismo Rural: tendências e sustentabiliade. Edunisc

BOHN, D. Sobre o diálogo. Disponível no site: <http://www.thinkingtogether.com> Capturado em fevereiro de 2006.

BOOS, A.T.; PANCERI, B.; PIROLA, L. Sistema de tratamento biológico da Água com zona de Raízes. Florianópolis: Epagri, 2000 18p. (Epagri. Boletim Didático, 36).

BRASIL. Código Tributário Nacional. São Paulo: Saraiva. 2007.

BRASIL. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA). Princípios e Diretrizes de uma Política de Segurança Alimentar e Nutricional – Textos de Referência da II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília, 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA). Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília, 2006.

BRASIL. Estatuto da Terra. 20.ed. São Paulo: Saraiva. 2006.

BROSE, M. Fortalecendo a democracia e o desenvolvimento local: 103 experiências inovadoras no meio rural gaúcho. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. 451 p.

BUCKLES, D. (org.) Caminhos para a Colaboração entre Técnicos e Camponeses. Rio de Janeiro: AS-PTA, trad., 1995.

CASTRO, N.J. Notas sobre a interferência do Estado na economia. Texto Didático Nº3, Rio de Janeiro, FEA/UFRJ, 1980.

COIMBRA FILHO, A. Técnicas de criação de ovinos. 2º ed. Editora Agropecuária LTDA. Guaíba, RS. 1985. 102 p.

- CONWAY, B. Análise Participativa para o Desenvolvimento Agrícola Sustentável. Rio de Janeiro: AS-PTA, trad., 1993. 32 p.
- CORRÊA, A M S. Acompanhamento e avaliação da segurança alimentar de famílias brasileiras: validação de METODOLOGIA e de instrumento de coleta. Unicamp, 2003. Relatório Técnico.
- COSTA, A.L. Extensão rural e meio ambiente. Revista Eletrônica Mestr. Educação Ambiental, volume 07, out/nov/dez 2001.
- DIEGUES, S. A. O mito da natureza intocada. Ed. Hucitec, 1996.
- DUKES, M.J.S. Fisiologia dos animais domésticos. 10. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1984.
- DUTRA-DE-OLIVEIRA, J.E.; MARCHINI, J.S. Ciências nutricionais. São Paulo: Sarvier, 1998.
- EMBRAPA - SPI. Brasília, 403 p. 1993.
- ENCARNAÇÃO, R. de O. Estresse e produção animal. Campo Grande: EMBRAPA-CNPGC, 1986. 32p. (EMBRAPA-CNPGC. Documentos, 34).
- ESTADES, N. P. O litoral do Paraná: entre a riqueza natural e a pobreza social. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, n. 8, p. 25-41, jul/dez. 2003.
- ESTEVA, G. Desenvolvimento. In: Sachs, W. Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ESTEVES, C. J. O. Ocupação do litoral paranaense. In: Scortegana et al. (Orgs). Paraná – espaço e memória: diversos olhares histórico-geográficos. Curitiba: Bagozzi, 2005, p. 57-81.
- FONTES, Â. Desenvolvimento econômico local: a diversidade de instrumentos. Rio de Janeiro: IBAM, 2000. 25 p.
- FRASER, A.F. Comportamiento de los animales de granja, editora Acribia, Zaragoza-espanha, 1980.
- GUIMARÃES, A.P. Quatro Séculos de Latifúndio. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1981.
- HAFEZ, E. S. E. Reprodução dos animais domésticos. 6. ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996. 762p.
- IANNI, O. Ditadura e Agricultura. São Paulo, Civilização Brasileira, 1979.
- KAUTSKY, K. A Questão Agrária. Brasília, Linha Gráfica Editora, 1998.
- KAY, R.D. Administracion Agricola Y Ganadera – Palneacion, control e implementacion. Cia Editorial Continental, S.A. de CV México.
- LARANJEIRA, R. Direito agrário brasileiro. São Paulo: Ltr. 2000. GOHN, M.G. (2005) O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez.
- LEMARCH, H. (Coordenador) Agricultura Familiar (2 vol), Campinas, editora da unicamp, 1998.
- LENIN, V.I. Capitalismo e Agricultura nos Estados Unidos da América. São Paulo, Abril Debates, 1980.

LOPES, L.S.; LIRO, C.F. Sustentável mata atlântica. Editora Senac, SP.

LUCCI, C. S. Nutrição e Manejo de Bovinos Leiteiros. Ed. Manole Ltda. São Paulo - SP. 1997.

LUTZ, I. A. Métodos Físico-Químicos para Análise de Alimento. 2. ed. São Paulo: Instituto Adolfo Lutz, 2007. 1017 p.

LUTZENBERGER, J. Em defesa do Aguarapé: em ecologia – do jardim ao poder (online), p.1 3, 1985. Disponível em <http://www.fgaia.org.br/texts/t-aguape.html>.

MACHADO, P.A. Recursos hídricos: direito brasileiro e internacional. São Paulo: Malheiros. 2002.

MARÉS, C.F.S. Direito à terra. Porto Alegre: Safe. 2000.

MARTINS, A. P. L. ; ESPINDOLA JUNIOR, A. ; REISSMANN, C. B. ; BOEGER, M. R. T. . Efeito de diferentes níveis tróficos na morfometria das raízes de *Polygonum hydropiperoides* Michx. (Polygonaceae) e *Typha domingensis* Pers (Typhaceae) utilizadas em fitorremediação de efluentes da bacia do Irai. In: 56 Congresso Nacional de Botânica, 2005, Curitiba. Livro de resumos. Curitiba : SBB, 2005.

MARTINS, A. P. L. ; REISSMANN, C. B. ; Favaretto, N. ; BOEGER, M. R. T. ; Oliveira, E.B. de . Capacidade da *Typha domingensis* na fitorremediação de efluentes de tanques de piscicultura na Bacia do Iraí, PR.. Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental (Online), v. 11, p. 324-330, 2007.

MAYNARD, L. A.; LOOSLI, J. K.; HINTZ, H. F.; WARNER, R. G. Nutrição animal. 3. ed. Rio de Janeiro: Freira Bastos, 1984.

MEDAUAR, O. Mini Coletânea de legislação ambiental. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais. 2007.

MÉZAROS, I. A educação para além do Capital. São Paulo: Boitempo, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo. Caderno de Subsídios. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo. Brasília, Outubro, 2003.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Agrobiodiversidade e Diversidade Cultural, 84p, 2006.

MIOR, L.C. Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural. Chapecó: Argos, 2005.

MO SUNG, J. e SILVA, J.C. Conservando sobre ética e sociedade. 6o ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

MORIN, E. A cabeça Bem-Feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 2001.

MORIN, E. O Método.6 : Ética . 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, E. Os setes Saberes necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: UNESCO. 2001.

MOURA, L.A.A. Economia Ambiental. Gestão de Custos e Investimentos. 2 ed., Ed Juarez de Oliveira. 232p., 2003.

NASCIMENTO, C. e CARVALHO, L.O. M. Criação de búfalos - Alimentação, manejo, melhoramento e instalações.

NETO, F.J. Manual de horticultura ecológica: guia de auto-suficiência em pequenos espaços. São Paulo: Nobel. 2002.

PASCHOAL, A. Pragas, Praguicidas e a Crise Ambiental: problemas e soluções. Rio de Janeiro: FGV, 1979. 106 p.

PAVANELLI, A. G.; GAZZONI, B. F.; BRITO, O. R.; GUEDES, C. L. B. Fitorremediação de solo contaminado com petróleo utilizando *Typha latifolia*. Sociedade Brasileira de Química (SBQ)30a Reunião Anual da Sociedade.

PEARS, P.; STICKLANDS, S. A horta e o jardim biológico. Coleção Euroagro. Publicações Europa América. 2006.

PELEGRINI, R. ; DINARDI, Ana Ligia ; FORMAGI, Vanessa Moraes ; CONEGLIAN, Cassiana M R ; BRITO, Núbia Natália de ; DRAGONI SOBRINHO, Geraldo ; TONSO, Sandro . Fitorremediação. In: III Fórum de Estudos Contábeis, 2003, Rio Claro. III Fórum de Estudos Contábeis, 2003.

PRADO JÚNIOR, C. A Questão Agrária no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1981.

Produção de informação, Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 1999.

RADOSTITS, O. M. e BROOD, D. C. - Manual de Controle da Saúde e Produção dos Animais, Ed. Manole, 1ª Ed. São Paulo, 1986.

REISSMANN, C. B.; SILVA, E. T.; BOEGER, M. R. T.. Participação em banca de Ana Paula Lang Martins. Capacidade do *Polygonum hydropiperoides* Michx. e *Typha domingensis* Pers. na fitorremediação de efluentes de tanques de piscicultura na região da bacia do rio Iraí.. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências do Solo) - Universidade Federal do Paraná.

RESENDE, M.; REZENDE, S. B.; CURI, N.; CORRÊA, G. F. Pedologia: Base Para A Distinção de Ambientes. 2 ed.

Revista Agriculturas experiências em agroecologia. Disponível em: <<http://agriculturas.leisa.info/>>

Revistas disponíveis na Scientific Electronic Library Online – SciELO. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php/script_sci_home/Ing_pt/nrm_isso>

RIZZINI, C.T. Árvores e Madeiras Úteis do Brasil. Manual de Dendrologia Brasileira. Ed. Edgard Blucher, 306p. 1995.

RODRIGUES, A.B. (org.) Turismo Rural. Coleção Turismo Contexto. GOHN, Maria da G. O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez. 2005.

RODRIGUES, J.E. Sistema nacional de unidades de conservação. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2005.

SACHS, I. Caminhos para o desenvolvimento sustentável: idéias sustentáveis. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SALES, M.N.G. Criação de galinhas em sistemas agroecológicos. Vitória/ES: INCAPER, 2005.

SANTA CATARINA - Secretaria do estado da Agricultura e Abastecimento. Manual de uso, manejo e conservação do solo e da água: projeto de recuperação, conservação e manejo dos recursos naturais em microbacias hidrográficas. 2º ed. Florianópolis: Epagri, 1994

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento. Manual de uso, manejo e conservação do solo e da água: projeto de recuperação, conservação e manejo dos recursos naturais em microbacias hidrográficas. 2. ed. Rev. Atual. Ampl. Florianópolis: EPAGRI, 1994.

SCHWARTZ, G. Decifre a Economia. São Paulo, Saraiva, 1991.

SILVA, J. G. Modernização Dolorosa. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1982.

SILVA, J.G. A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira. Campinas, UNICAMP.IE, 1996.

SPINK, P.; CLEMENTE, R. (orgs). 20 experiências de gestão pública e cidadania. 2. ed. Rio de janeiro: FGV, 1999, 187 p.

TRATAMENTO DE EFLUENTES: Processo Fitopedológico. Ambiente on line p.1-8, 2002. Disponível em <http://intermega.globo.com/ambienteonline/wetlands.html>.

VANNUCCI, M. Os manguezais e nós. Ed Edusp, CNPQ, 1999.

VIÇOSA, MG: NEPUT – Núcleo de Estudo e Planejamento do Udo da Terra, 1997. 334 p.

WANDERLEY, M.N.B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. XX Encontro Anual da ANPOCS. GT 17. Processos sociais agrários. Caxambu, MG. Outubro de 1996.

WENDLANG, E.; SCHALCH, V. Pesquisas em Meio Ambiente. Subsídios para a Gestão de Políticas Públicas. v.2, 360p., 2003.

ZANETTI, E. Certificação e Manejo de Florestas Nativas Brasileiras, Ed. Juruá, 376p., 2007

3ª Fase – Propor e Agir – Transição para o Exercício Profissional**FUNDAMENTOS TEÓRICO-PRÁTICOS III**

OBJETIVO DA 3ª FASE - Propor e implementar estratégias para desenhos e redesenhos de diferentes ambientes.

CARGA HORÁRIA: 800 HORAS

MÓDULOS: Sistemas agroflorestais, Segurança alimentar e processamento de alimentos I e II, Produção animal e vegetal II e III, Instrumentos de intervenção I e II, Planejamento e gestão rural I e II, Síntese V e VI.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALTIERI, M. A. Agroecologia: a Ciência da Agricultura Sustentável. Rio de Janeiro: AS-PTA e Ed. Agropec. Trad. Eli Lino de Jesus e Patrícia Vaz. 2002.

BUCKLES, D. (org.) Caminhos para a Colaboração entre Técnicos e Camponeses. Rio de Janeiro: AS-PTA, trad., 1995.

BUNCH, R. Duas Espigas de Milho - Uma Proposta para o Desenvolvimento Agrícola Participativo, trad. J. C. Commenford, Rio de Janeiro, AS-PTA, 1995.221p.

CHAMBERS, R. Os diagnósticos participativos de sistemas rurais: passado, presente e futuro. Atualização em Agroecologia, Rio de Janeiro: AS-PTA, n. 24, ago. 1995. p. 16-22.

GUINDANI, S. Indicadores de Sustentabilidade em Agroecossistemas: uma análise. Tese de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Agroecossistemas, CCA-UFSC, Florianópolis, SC, 1999. 72 p

MARZALL, K. Indicadores de Sustentabilidade para Agroecossistemas. Tese de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Agronomia, UFRGS, Porto Alegre, RS, 1999. 208 p. ROGERS, A. A extensão rural de terceira geração: em direção a um modelo alternativo. Atualização em Agroecologia, Rio de Janeiro: AS-PTA, n. 28, jul. 1995. pp. 9-11.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABRAMOVAY, R. A Dualização como Caminho para a Agricultura Sustentável. Vitória: APTA, Cadernos para Debate, n. 1, 1994. 21 p.

ALMEIDA, J. e NAVARRO, Z. (orgs.) Reconstruindo a Agricultura: Idéias e Ideais na Perspectiva do Desenvolvimento Rural Sustentável. Ed. UFRGS-UNESCO, 1997. 323 p.

BRUNDTLAND, G. H. (coord.) Nosso Futuro Comum. Comissão Mundial Sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. Rio de Janeiro: FGV, 2ª ed. 1991. 430 p.

CAMINO V., R. de & MÜLLER, S. Sostenibilidad de la Agricultura y los Recursos Naturales: Base para establecer Indicadores. San José: IICA/Proyecto Série Documentos de Programas, n. 38, IICA-GTZ, 1993. 134 p.

DEPONTI, C. M.; Almeida, J. e Ferreira, J. R. de C. Indicadores de avaliação da sustentabilidade em Agroecossistemas. In: V Seminário IESA/SBSP, Florianópolis, SC, 20 a 23 de Maio de 2002. GARFORTH, C. Uma extensão rural sustentável para uma agricultura sustentável: em busca de novos caminhos. Atualização em Agroecologia, Rio de Janeiro: AS-PTA, n. 28, jul. 1995. pp. 3-8.

MARTINS, S. R. Agricultura Ambiente e Sustentabilidade: seus limites para a América Latina. Livro em CD-ROM, EMATER-RS, 2001. 84 p.

SANTOS, E. P. M. Algumas considerações acerca do conceito de sustentabilidade: suas dimensões políticas, teóricas e ontológicas. In: Desenvolvimento Sustentável: teorias, debates e aplicabilidade. IFCH/UNICAMP, Campinas, SP, pp. 13-48, 1996.

SEVILLA GUSMÁN, E. Agroecología y desarrollo rural sustentable: una propuesta desde Latino América. Digitado. CD-ROM cedido pelo autor.

TOLMASQUIM, M. T. Estrutura conceitual para a elaboração de indicadores de sustentabilidade ambiental para o Brasil. MMA, Depto. Gestão Ambiental. Documento preliminar, Mimeografado, Versão 2, (colaboração de Teixeira, I. M. V.; PASTUK, M. e Oliveira, K.P.), Abril de 1996. 35 p.

ANEXO 4 – REGULAMENTAÇÃO DE ESTÁGIO NÃO-OBRIGATÓRIO

**REGULAMENTO DE ESTÁGIOS NÃO OBRIGATÓRIOS DO CURSO SUPERIOR DE
TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA DA UFPR SETOR LITORAL**

Art. 1º - O Estágio do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral – UFPR LITORAL – é atividade Não Obrigatória do respectivo currículo, devendo ter sua carga horária computada como Atividade Formativa Complementar.

Art. 2º - O Estágio Não Obrigatório do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia deve ser cumprido obedecendo ao disposto neste Regulamento e nas resoluções dos Conselhos Superiores da UFPR e na Lei Federal 11.788 de 25/09/2008.

Art. 3º - É papel da Câmara do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, juntamente com a Coordenação Geral de Estágios (CGE) vinculada à Pró-Reitoria de Graduação da UFPR (PROGRAD), firmar convênios de estágios com empresas e outras instituições.

Art. 4º - Constituem campo de estágio as entidades de direito privado, órgãos da administração pública, entidades de classe, sindicatos, organizações da sociedade civil, instituições de ensino ou de pesquisa e as próprias unidades da UFPR que desenvolvam atividades relacionadas às áreas de Agroecologia ou Correlatas.

Parágrafo único. Também poderão ser aceitas como campo de estágio, mediante aprovação prévia da Câmara do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, instituições que desenvolvam atividades em:

I - outras modalidades de organizações e instituições não formais, da esfera privada ou pública;

II – organizações ou instituições, privadas ou públicas, fora do território nacional.

Art. 5º - As instituições relacionadas no *caput* do Art. 4º deste Regulamento, para poderem ser consideradas como unidades concedentes de estágio, devem previamente firmar convênio com a UFPR e atender o disposto no Art. 6º - da Resolução nº - 19/90-CEPE.

Art. 6º - Compete ao estudante entrar em contato com a entidade na qual se realizará o Estágio Não Obrigatório.

Parágrafo único - Antes de iniciar o estágio, o estudante interessado deve verificar se a unidade concedente tem convênio com a UFPR, intermediando a sua realização, caso não haja o convênio ou este já tenha expirado.

Art. 7º - O estudante que estiver com matrícula trancada não pode realizar Estágio Não Obrigatório.

Art. 8º - A supervisão e o acompanhamento do Estágio deverão ser feitas por dois supervisores: um supervisor externo, da unidade concedente do Estágio denominado Orientador de Campo; e um supervisor interno, do Setor Litoral da UFPR denominado Supervisor.

§ 1º - O Orientador de Campo do estágio é integrante da unidade concedente de estágio e tem como função orientar e assistir tecnicamente o estagiário.

§ 2º - Caso o orientador de campo seja docente da UFPR, este poderá acumular também a função de supervisor interno, com supervisão direta, desde que tal seja aprovado pela Câmara do Curso.

Art. 9º - A supervisão do Estágio Curricular não Obrigatório será na forma indireta, conduzida por meio do acompanhamento do estagiário através de contatos esporádicos com ele e com o Orientador de Campo e da análise dos relatórios previstos na forma de avaliação do estágio.

Art. 10º - As atividades a serem desenvolvidas pelo estagiário devem constar de um Plano de Estágio, a ser elaborado em conjunto por ele e pelo Orientador de Campo, com a participação do Supervisor de Estágio ou do Coordenador de Estágio, devidamente aprovado pela Câmara do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia.

Art. 11º - Caso seja constatado prejuízo ao desempenho acadêmico do estudante, a Coordenação poderá solicitar à unidade concedente a interrupção do Estágio.

Art. 12º - É permitido ao estagiário receber compensação pecuniária pela atividade exercida.

Art. 13º - A avaliação do Estágio Curricular não Obrigatório será feita pelo Supervisor de Estágio através da análise e atribuição de conceito aos relatórios que o estagiário deve elaborar.

Art. 14º - A avaliação final do Estágio Curricular não Obrigatório será atribuída de acordo com os conceitos avaliativos da UFPR Litoral conferidas pelo Supervisor de Estágio a cada um dos relatórios apresentados pelo estudante.

Parágrafo único - Para poder ser computado como Atividade Formativa Complementar, com equivalente carga horária máxima de 100 (cem) horas, o Estágio Curricular não Obrigatório deve apresentar conceito final AS ou APL.

Art. 15º - À Câmara do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia compete homologar uma Comissão Orientadora de Estágios (COE) constituída por professores de seu corpo docente e lotados no Setor Litoral.

Art. 16º - À COE cabe análise de temas ou assuntos referentes a Estágios de discentes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, bem como o acompanhamento e avaliação dos Estágios Não Obrigatórios.

Art. 17º - Os membros da COE terão mandatos de um ano, podendo ser reconduzidos.

Art. 18º - Exceções serão julgadas e resolvidas pela Câmara do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia.

ANEXO 5 – FICHAS 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia**PLANO DE ENSINO**

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Princípios de sistemas de produção I e II		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h+40h AT: AP: EST: Total: 80h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) Introdução ao manejo e conservação dos solos; Fertilidade do solo; Uso e ocupação do solo; Planos Diretores; Sistemas de informações geográficas; Qualidade da água; Manejo de microbacias hidrográficas; Sistemas Nacionais de Unidades de Conservação; Legislação de áreas de proteção; Fitorremediação.		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008 Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica Assinatura:		



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia

PLANO DE ENSINO

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Desenvolvimento local		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h AT: AP: EST: Total: 40h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) Crescimento e desenvolvimento. Potencialidades locais e o processo de geração de riqueza. O papel do setor rural para o desenvolvimento de uma comunidade. Concepções de desenvolvimento e desenvolvimento rural sustentável. Políticas públicas para o desenvolvimento local no meio rural. Modelos alternativos de financiamento do desenvolvimento local. Experiências agroecológicas para o desenvolvimento local. Redes de agroindústrias de pequeno porte. Agroecologia e Desenvolvimento local. Agroindustrialização e redes de agroindústrias de pequeno porte. Nichos de mercado e marcas regionais. Indicadores de sustentabilidade		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008 Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica Assinatura:		

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia**PLANO DE ENSINO**

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Ecologia I e II		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h+40h AT: AP: EST: Total: 80h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) Ecossistemas; Biodiversidade e conservação; Tópicos em ecologia; Legislação; Ecologia de insetos e plantas cultivadas.		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008 Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica Assinatura:		


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia

PLANO DE ENSINO

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Economia e mercado		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h AT: AP: EST: Total: 40h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) Sistema econômico, lei da oferta e demanda, o mercado agrícola e suas especificidades, formação de preços, estruturas de mercado e concorrência; O papel do governo e sua influência sobre a formação de preços e o funcionamento do mercado. O sistema de impostos brasileiros e a tributação dos alimentos. Instrumentos de política agrícola. Código de defesa do consumidor. Noções de macroeconomia, relações econômicas internacionais, o papel do setor agrícola na economia brasileira e na região, noções de cadeia produtiva.		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008		
Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica		
Assinatura:		

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia**PLANO DE ENSINO**

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Educação do campo		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h AT: AP: EST: Total: 40h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) Educação para o campo e educação do campo. Organização e experiências do trabalho pedagógico nas escolas do campo. Educação e a questão agrária no Brasil. Fundamentos e os princípios da educação do campo.		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008		
Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica		
Assinatura:		



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia

PLANO DE ENSINO

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Interações culturais e humanísticas I, II, III, IV, V e VI		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 80h+80h+80h+80h+80h+80h AT: AP: EST: Total: 480h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática)		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008 Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica Assinatura:		

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia**PLANO DE ENSINO**

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Instrumentos de intervenção I e II		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h+40h AT: AP: EST: Total: 80h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) Técnicas, metodologias, processos e instrumentos de comunicação. Comunicação popular na perspectiva da Educação Agroecológica. Metodologias e processos de intervenção.		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008		
Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica		
Assinatura:		

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia**PLANO DE ENSINO**

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Manejo de fauna e flora I e II		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h+40h AT: AP: EST: Total: 80h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) Noções de melhoramento genético. Práticas agroecológicas de manejo da produção; Manejo de plantas espontâneas, insetos e doenças; Nutrição agroecológica de plantas; Plantas medicinais e companheiras; Permacultura; Biodinâmica; Agricultura Natural; Agricultura Orgânica; Legislação de Agrotóxicos.		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008 Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica Assinatura:		



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia

PLANO DE ENSINO

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Planejamento e gestão rural I e II		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h+40h AT: AP: EST: Total: 80h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) Princípios de organização e empreendedorismo. Gestão individual e coletiva. Formação de preços. Relações na cadeia produtiva e geração de valor agregado. Noções de planejamento da organização. Estratégias de mercado. Vigilância sanitária. Legislação sobre Cooperativismo e outras formas de associativismo. Crédito agrícola. Certificações de produtos rurais, Legislação de certificadores. Logística de distribuição de alimentos. Turismo rural e política de planejamento sustentável para a realização de negócios agroecoturísticos. Legislação sobre produtos orgânicos.		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008 Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica Assinatura:		

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia**PLANO DE ENSINO**

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Princípios de Agroecologia e Complexidade I e II		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h+40 AT: AP: EST: Total: 80h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) Construção da história e projetos de vida; História e epistemologia da Agroecologia; Correntes da agroecologia; Multidimensões da sustentabilidade; Agricultura familiar, camponesa e a segurança alimentar. Complexidade.		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008		
Coordenadora da Câmara: Gabriela Schenato Bica		
Assinatura:		

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia**PLANO DE ENSINO**

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Processos de comunicação e intervenções em comunidades		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h AT: AP: EST: Total: 40h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) Introdução ao pensamento de Paulo Freire. Comunicação ou extensão. A práxis do profissional em Agroecologia. Educação e Comunicação. Sistemas de ensino, pesquisa e extensão rural.		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008		
Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica		
Assinatura:		

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia**PLANO DE ENSINO**

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Produção animal e vegetal I, II e III		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h+40h+40h AT: AP: EST: Total: 120h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) Noções de anatomia e fisiologia animal. Alimentos para animais. Forragicultura. Manejo das pastagens. Conservação de forragem. Etologia e bem-estar animal. Grandes culturas vegetais. Bovinocultura de corte e leite, bubalinocultura, avicultura, suinocultura e ovinocultura: aspectos gerais da criação e sistemas de criação. Pastoreio Racional Voisin. Fruticultura. Aqüicultura. Manejo de dejetos. Outras espécies de interesse zootécnico. Homeopatia. Olerícolas.		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008		
Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica		
Assinatura:		

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia**PLANO DE ENSINO**

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Projetos de aprendizagem I, II, III, IV, V e VI		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 80h+80h+80h+80h+80h+80h AT: AP: EST: Total: 480h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática)		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008		
Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica		
Assinatura:		

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia**PLANO DE ENSINO**

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Sistemas agroflorestais		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h AT: AP: EST: Total: 40h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) Conceitos. Sucessão natural. Manejo. Produtos florestais não madeiráveis.		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008 Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica Assinatura:		

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia**PLANO DE ENSINO**

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: RURALIDADES I e II		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(☒) Semestral (☐) Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h+40h AT: AP: EST: Total: 80h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) História do rural no Brasil e agricultura tradicional; Rural x urbano ou rural + urbano; Revolução Verde no Brasil e Agricultura convencional; Questão agrária no processo de modernização; Agricultura familiar e desenvolvimento; Agroecologia no contexto contemporâneo.		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008		
Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica		
Assinatura:		



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia

PLANO DE ENSINO

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Segurança alimentar e processamento de alimentos I e II		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h+40h AT: AP: EST: Total: 80h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) Legislação SAN. Tipos de alimentos. Composição dos alimentos. Sistemas de qualidade. Diferenças entre os alimentos convencionais, hidropônicos, orgânicos e agroecológicos. Resíduos químicos e físicos nos alimentos. Legislação dos alimentos; Higiene, armazenamento e conservação de alimentos. Análise e composição de alimentos. Processamento de Alimentos de origem animal e vegetal.		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008 Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica Assinatura:		



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia

PLANO DE ENSINO

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Síntese I, II, III, IV, V e VI		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h+40h+40h+40h+40h+80h AT: AP: EST: Total: 280h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) Ética profissional. Tópicos em Agroecologia. Releitura da realidade complexa. Práticas em agroecologia. Síntese dos fundamentos teóricos práticos, ICH, projetos de aprendizagem. Ferramentas para desenho e redesenho de projetos agroecológicos. Trabalho de síntese dos conteúdos do curso.		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008 Coordenadora da Câmara de Agroecologia: Gabriela Schenato Bica Assinatura:		

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
Câmara de Agroecologia**PLANO DE ENSINO**

FICHA Nº 1 (permanente)

Módulo: Vida nos ecossistemas I, II e III		Código:
Natureza: Obrigatória Obrigatória/Optativa	(x) Semestral () Anual	Obs.
Pré-requisito: não há	Co-requisito: não há	
C. H. Semestral: 40h+40h+40h AT: AP: EST: Total: 120h Créditos:		
EMENTA (Unidade Didática) A química da vida. Fisiologia vegetal. Biomoléculas. Morfologia interna e externa das plantas. Célula vegetal e animal. Classificação das plantas.		
Validade: a partir do ano letivo de: 2008		
Coordenadora da Câmara: Gabriela Schenato Bica		
Assinatura:		

ANEXO 6 – ANTEPROJETO DE RESOLUÇÃO DE CURRÍCULO DO CURSO

Resolução No 10 CEPE

Fixa o currículo do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, do Setor Litoral, para funcionamento no período matutino, com duração de 3 anos.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, órgão normativo, consultivo e deliberativo da Administração Superior, no uso de suas atribuições conferidas pelo Artigo 21 do Estatuto da Universidade Federal do Paraná,

RESOLVE:

Art. 1º - O Currículo do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, realizado no período matutino, é constituído pelos seguintes módulos, práticas educativas e demais atividades acadêmicas:

FORMAÇÃO GERAL

Fundamentos Teóricos Práticos - FTP

Interações Culturais e Humanísticas - ICH

Projetos de Aprendizagem - PA

A. Fundamentos Teóricos Práticos 1º Período

- A.1. Ruralidades I
- A.2. Princípios de Agroecologia e complexidade I
- A.3. Vida nos ecossistemas I
- A.4. Princípios de sistemas de produção I
- A.5. Ecologia I
- A.6. Síntese I

B. Fundamentos Teóricos Práticos 2º Período

- B.1. Ruralidades II
- B.2. Princípios de Agroecologia e complexidade II
- B.3. Vida nos ecossistemas II
- B.4. Princípios de sistemas de produção II
- B.5. Ecologia II
- B.6. Síntese II

C. Fundamentos Teóricos Práticos 3º Período

- C.1. Vida nos ecossistemas III
- C.2. Relações nos agroecossistemas I
- C.3. Manejo de fauna e flora I
- C.4. Processos de comunicação e intervenções em comunidades
- C.5. Desenvolvimento local

C.6. Síntese III**D. Fundamentos Teóricos Práticos 4º Período**

- D.1. Relações nos agroecossistemas II
- D.2. Manejo de fauna e flora II
- D.3. Produção animal e vegetal I
- D.4. Educação do campo
- D.5. Economia e mercado
- D.6. Síntese IV

E. Fundamentos Teóricos Práticos 5º Período

- E.1. Sistemas agroflorestais
- E.2. Segurança alimentar e processamento de alimentos I
- E.3. Produção animal e vegetal II
- E.4. Instrumentos de intervenção I
- E.5. Planejamento e gestão rural I
- E.6. Síntese V

F. Fundamentos Teóricos Práticos 6º Período

- F.1. Segurança alimentar e processamento de alimentos II
- F.2. Produção animal e vegetal III
- F.3. Instrumentos de intervenção II
- F.4. Planejamento e gestão rural II
- F.5. Síntese VI

I. INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS

- | | |
|--|------------|
| I.1. Interações Culturais e Humanísticas I | 1º Período |
| I.2. Interações Culturais e Humanísticas II | 2º Período |
| I.3. Interações Culturais e Humanísticas III | 3º Período |
| I.4. Interações Culturais e Humanísticas IV | 4º Período |
| I.5. Interações Culturais e Humanísticas V | 5º Período |
| I.6. Interações Culturais e Humanísticas VI | 6º Período |

J. PROJETOS DE APRENDIZAGEM

- | | |
|-----------------------------------|------------|
| J.1. Projetos de Aprendizagem I | 1º Período |
| J.2. Projetos de Aprendizagem II | 2º Período |
| J.3. Projetos de Aprendizagem III | 3º Período |
| J.4. Projetos de Aprendizagem IV | 4º Período |
| J.5. Projetos de Aprendizagem V | 5º Período |
| J.6. Projetos de Aprendizagem VI | 6º Período |

K. ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Definidas de acordo com a resolução N° 70/04 do CEPE/UFPR.

Art. 2º - A integração do currículo do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, realizado no período matutino, não poderá ocorrer em menos de 06 (seis) semestres e mais de 09 (nove) semestres, com as seguintes cargas horárias:

Programa de Aprendizagem	Carga Horária
Fundamentos Teóricos e Práticos	1440
Interações Culturais e Humanísticas	480
Projetos de Aprendizagem	480
Atividades Complementares	100
Total geral	2500

Art. 3º Para integralizar o currículo do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia o estudante deverá cumprir uma carga horária mínima de 100 horas em Atividades Formativas Complementares.

Parágrafo único: Cabe à Câmara do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia regulamentar as atividades formativas, estabelecendo critérios de reconhecimento, validação e valoração para efeitos de integralização da carga horária estabelecida no caput.

Art. 4º Todos os estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia devem desenvolver atividades em: atividades em: Projetos de Aprendizagem, que correspondem a 20% da carga horária total do curso; Fundamentos Teóricos e Práticos, que correspondem a 60% da carga horária do curso; e Interações Culturais e Humanísticas, que correspondem a 20% da carga horária do curso.

Art. 6º Todo estudante do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia deve desenvolver pelo menos um Projeto de Aprendizagem durante o curso, sob mediação de um docente, seguindo as recomendações estabelecidas no Projeto Político Pedagógico do Curso e do Setor Litoral.

Art. 7º O Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia não possui atividades formativas que se caracterizam como estágio obrigatório.

Art. 8º O estudante do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia poderá realizar estágios não-obrigatórios (optativo voluntário), os quais obedecem à legislação nacional vigente, Lei Nº 11.788 de 25 de Setembro de 2008.

Art. 9º Os estudantes com pendências em qualquer um dos eixos pedagógicos (PA, FTP e ICH) não poderão solicitar formatura até que suas pendências tenham sido resolvidas e seu conceito final seja AS ou APL.

Art. 10º Acompanha a presente resolução a Periodização Recomendada (Anexo I).

Art. 11º Esta Resolução entrará em vigor a partir de _____, aplicando-se aos estudantes que ingressarem no Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, período matutino, a partir deste ano.

Sala das Sessões em _____

PRESIDENTE DO CEPE

FASE I CONHECER E COMPREENDER

Tecnologia em Agroecologia		Módulo/Tema	CH
1º ano	I	AGRLT001 Ruralidades I	40
		AGRLT002 Princípios de Agroecologia e complexidade I	40
		AGRLT005 Vida nos ecossistemas I	40
		AGRLT46 Princípios de sistemas de produção I	40
		AGRL008 Ecologia I	40
		AGRLT028 Síntese I	40
		AGRLT034 Interações culturais e humanísticas I	80
		AGRLT040 Projetos de aprendizagem I	80
		Carga horária	400
	II	AGRLT002 Ruralidades II	40
		AGRLT004 Princípios de Agroecologia e complexidade II	40
		AGRLT006 Vida nos ecossistemas II	40
		AGRLT047 Princípios de sistemas de produção II	40
		AGRLT009 Ecologia II	40
		AGRLT029 Síntese II	40
		AGRLT035 Interações culturais e humanísticas II	80
		AGRLT041 Projetos de aprendizagem II	80
		Carga horária	400

FASE II COMPREENDER E PROPOR

2º ano	III	AGRLT007 Vida nos ecossistemas III	40
		AGRLT010 Relações nos agroecossistemas I	40
		AGRLT013 Manejo de fauna e flora I	40
		AGRLT020 Processos de comunicação e intervenções em comunidades rurais	40
		AGRLT024 Desenvolvimento local	40
		AGRLT030 Síntese III	40
		AGRLT036 Interações culturais e humanísticas III	80
		AGRLT042 Projetos de aprendizagem III	80
		Carga horária	400
	IV	AGRLT011 Relações nos agroecossistemas II	40
		AGRLT014 Manejo de fauna e flora II	40
		AGRLT017 Produção animal e vegetal I	40
		AGRLT021 Educação do campo	40
		AGRLT025 Economia e mercado	40
		AGRLT031 Síntese IV	40
		AGRLT037 Interações culturais e humanísticas IV	80
		AGRLT043 Projetos de aprendizagem IV	80
		Carga horária	400

FASE III PROPOR E AGIR

3º ano	V	AGRLO12 Sistemas agroflorestais	40
		AGRLO15 Segurança alimentar e processamento de alimentos I	40
		AGRLO18 Produção animal e vegetal II	40
		AGRLO22 Instrumentos de intervenção I	40
		AGRLO26 Planejamento e gestão rural I	40
		AGRLO32 Síntese V	40
		AGRLO38 Interações culturais e humanísticas V	80
		AGRLO44 Projetos de aprendizagem V	80
		Carga horária	400
	VI	AGRLO16 Segurança alimentar e processamento de alimentos II	40
		AGRLO18 Produção animal e vegetal III	40
		AGRLO23 Instrumentos de intervenção II	40
		AGRLO27 Planejamento e gestão rural II	40
		AGRLO33 Síntese VI	80
		AGRLO39 Interações culturais e humanísticas VI	80
		AGRLO45 Projetos de aprendizagem VI	80
		Carga horária	400
		Atividades formativas complementares	100
		CARGA HORÁRIA TOTAL	2.500

ANEXO 7 – ATAS DA COMISSÃO DE IMPLANTAÇÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ****Setor Litoral****Câmara de Agroecologia**

Reunião da Câmara de Agroecologia 2008-2. Aos cinco dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e oito, na sala 2 do Bloco Didático do Setor Litoral, às 14 horas, reuniu-se a Comissão designada para discutir e elaborar a proposta para a instalação do curso de graduação em Agroecologia da UFPR Setor Litoral. Presentes os seguintes membros: Gabriela Schenato Bica, Edmilson Cezar Paglia, Silvana Cassia Hoeller, Sirlândia Schappo, Douglas Ortiz Hamermuller, Rosangela Gandin, Marcia Ribeiro, Diomar Quadros e Liliani Tiepolo. (...) 2) Discussão acerca de eixos temáticos para o curso, módulos de aprendizagem, temas centrais para embasar o curso, possíveis conteúdos. Às dezesseis horas, o coordenador da sessão declarou encerrada a reunião da qual Prof. Silvana Cassia Hoeller, lavrou a presente ata.

Prof. Edmilson Cezar Paglia

Comissão para implantação de Graduação em Agroecologia

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ****Setor Litoral****Câmara de Agroecologia**

Reunião da Câmara de Agroecologia 2008-2. Aos onze dias do mês de março do ano de dois mil e oito, na sala 2 do Bloco Didático do Setor Litoral, às 14 horas, reuniu-se a Comissão designada para discutir e elaborar a proposta para a instalação do curso de graduação em Agroecologia da UFPR Setor Litoral. Presentes os seguintes membros: Gabriela Schenato Bica, Edmilson Cezar Paglia, Silvana Cassia Hoeller, Sirlândia Schappo, Douglas Ortiz Hamermuller, Rosangela Gandin, Marcia Ribeiro, Diomar Quadros e Liliani Tiepolo. (...) 2) Discussão acerca de semestralidade, cargas horárias, espaços de aprendizagem, processos de avaliação. Às dezesseis horas, o coordenador da sessão declarou encerrada a reunião da qual Prof. Gabriela Schenato Bica, lavrou a presente ata.

Prof. Edmilson Cezar Paglia

Comissão para implantação de Graduação em Agroecologia

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ****Setor Litoral****Câmara de Agroecologia**

Reunião da Câmara de Agroecologia 2008-2. Aos quinze dias do mês de abril do ano de dois mil e oito, na sala 2 do Bloco Didático do Setor Litoral, às 14 horas, reuniu-se a Comissão designada para discutir e elaborar a proposta para a instalação do curso de graduação em Agroecologia da UFPR Setor Litoral. Presentes os seguintes membros: Gabriela Schenato Bica, Edmilson Cezar Paglia, Silvana Cassia Hoeller, Sirlândia Schappo, Douglas Ortiz Hamermuller, Rosangela Gandin, Marcia Ribeiro, Diomar Quadros e Liliani Tiepolo. (...) 1) Discussão sobre espaços curriculares de aprendizagem, ementas, fundamentos teórico-práticos, projetos de aprendizagem e interações culturais e humanísticas. Às dezessete horas, o coordenador da sessão dedarou encerrada a reunião da qual Prof. Sirlândia Schappo, lavrou a presente ata.

Prof. Edmilson Cezar Paglia

Comissão para implantação de Graduação em Agroecologia

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ****Setor Litoral****Câmara de Agroecologia**

Reunião da Câmara de Agroecologia 2008-2. Aos dezenove dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e oito, na sala 2 do Bloco Didático do Setor Litoral, às 14 horas, reuniu-se a Comissão designada para discutir e elaborar a proposta para a instalação do curso de graduação em Agroecologia da UFPR Setor Litoral. Presentes os seguintes membros: Gabriela Schenato Bica, Edmilson Cezar Paglia, Silvana Cassia Hoeller, Sirlândia Schappo, Douglas Ortiz Hamermuller, Rosangela Gandin, Marcia Ribeiro, Diomar Quadros e Liliani Tiepolo. (...) 1) Discussão acerca de eixos temáticos como complexidade, práticas em Agroecologia, produção vegetal e animal, desenvolvimento local, educação do campo, legislação ambiental, ética. Às dezesseis horas, o coordenador da sessão declarou encerrada a reunião da qual Prof. Gabriela Schenato Bica, lavrou a presente ata.

Prof. Edmilson Cezar Paglia

Comissão para implantação de Graduação em Agroecologia

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ****Setor Litoral****Câmara de Agroecologia**

Reunião da Câmara de Agroecologia 2008-2. Aos vinte e dois dias do mês de janeiro do ano de dois mil e oito, na sala 2 do Bloco Didático do Setor Litoral, às 14 horas, reuniu-se a Comissão designada para discutir e elaborar a proposta para a instalação do curso de graduação em Agroecologia da UFPR Setor Litoral. Presentes os seguintes membros: Gabriela Schenato Bica, Edmilson Cezar Paglia, Silvana Cassia Hoeller, Sirlândia Schappo, Douglas Ortiz Hamermuller, Rosangela Gandin, Marcia Ribeiro, Diomar Quadros e Liliani Tiepolo. (...) 1) Discussão acerca do perfil do profissional, viabilidade de implantação do curso, demanda social, bacharel x tecnólogo, pontos centrais a serem considerados no projeto político pedagógico; Às dezesseis horas, o coordenador da sessão dedarou encerrada a reunião da qual Prof. Silvana Cassia Hoeller, lavrou a presente ata.

Prof. Edmilson Cezar Paglia

Comissão para implantação de Graduação em Agroecologia

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ****Setor Litoral****Câmara de Agroecologia**

Reunião da Câmara de Agroecologia 2008-2. Aos vinte e cinco dias do mês de março do ano de dois mil e oito, na sala 2 do Bloco Didático do Setor Litoral, às 14 horas, reuniu-se a Comissão designada para discutir e elaborar a proposta para a instalação do curso de graduação em Agroecologia da UFPR Setor Litoral. Presentes os seguintes membros: Gabriela Schenato Bica, Edmilson Cezar Paglia, Silvana Cassia Hoeller, Sirlândia Schappo, Douglas Ortiz Hamermuller, Rosangela Gandin, Marcia Ribeiro, Diomar Quadros e Liliani Tiepolo. (...) 1) Discussão sobre estágios obrigatórios e não obrigatórios, regulamentação, atividades formativas complementares. Às dezesseis horas, o coordenador da sessão declarou encerrada a reunião da qual Prof. Sirlândia Schappo, lavrou a presente ata.

Prof. Edmilson Cezar Paglia

Comissão para implantação de Graduação em Agroecologia

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ****Setor Litoral****Câmara de Agroecologia**

Reunião da Câmara de Agroecologia 2008-2. Aos vinte e nove dias do mês de abril do ano de dois mil e oito, na sala 2 do Bloco Didático do Setor Litoral, às 14 horas, reuniu-se a Comissão designada para discutir e elaborar a proposta para a instalação do curso de graduação em Agroecologia da UFPR Setor Litoral. Presentes os seguintes membros: Gabriela Schenato Bica, Edmilson Cezar Paglia, Silvana Cassia Hoeller, Sirlândia Schappo, Douglas Ortiz Hamermuller, Rosangela Gandin, Marcia Ribeiro, Diomar Quadros e Liliani Tiepolo. (...) 1) Revisão geral e redação final da proposta político-pedagógica para o curso superior em Agroecologia. Às dezessete horas, o coordenador da sessão declarou encerrada a reunião da qual Prof. Silvana Hoeller, lavrou a presente ata.

Prof. Edmilson Cezar Paglia

Comissão para implantação de Graduação em Agroecologia

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ****Setor Litoral****Câmara de Agroecologia**

Reunião da Câmara de Agroecologia 2008-2. Aos treze dias do mês de maio do ano de dois mil e oito, na sala 2 do Bloco Didático do Setor Litoral, às 14 horas da tarde, reuniu-se sob a coordenação do Prof. Diomar Augusto de Quadros, a Câmara de Agroecologia do Setor Litoral. Presentes os seguintes membros: (...) 2) Apresentação do Projeto Político Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, o qual após análise e discussão foi aprovado co unanimidade;(...). Às dezesseis horas, o coordenador declarou encerrada a reunião da qual Prof. Silvana Cassia Hoeller, lavrou a presente ata.

Diomar Augusto de Quadros

Coordenador da Câmara de Agroecologia

ANEXO 8 – RELATÓRIO DA COMISSÃO DE IMPLANTAÇÃO

Matinhos, 29 de abril de 2008.

Senhor Diretor:

A Comissão designada para discutir, estudar e elaborar proposta de instalação de curso de Educação de Jovens e Adultos e de Graduação em Agroecologia, vinculados ao Setor Litoral da UFPR, vem por meio desta manifestar-se favoravelmente à implantação de um curso de graduação em Agroecologia, na modalidade de curso superior de tecnologia, por entender que aspectos como a demanda local, a viabilidade e o perfil do egresso são compatíveis com tal, conforme pode ser visto no pré-projeto de curso.

Após reuniões junto à Secretaria Estadual de Educação, foi definido que ao invés de abrir novas turmas de EJA no litoral do Paraná, a UFPR Setor Litoral irá atuar na capacitação e aperfeiçoamento de professores que já atuam junto aos cursos de EJA.

Sem mais para o momento, despedimo-nos.

Atenciosamente,

Edmilson Cezar Paglia

Comissão para implantação de Graduação em Agroecologia e EJA

Ao Senhor
Valdo José Cavallet
Diretor da UFPR Setor Litoral

**ANEXO 9 – PORTARIA DA COMISSÃO PARA ELABORAÇÃO DA PROPOSTA DE
CURSO DE AGROECOLOGIA**

**MINISTERIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ****PORTARIA Nº 03/SETOR LITORAL,
DE 22 DE JANEIRO DE 2008.**

O Diretor do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, no uso de suas atribuições e tendo em vista a competência que lhe é conferida pela Portaria nº 1885, de 15 de Março de 2006,

RESOLVE:

Designar, Comissão para discutir, estudar e elaborar proposta de instalação dos Cursos de Educação de Jovens e Adultos e de Graduação em Agroecologia.

- GABRIELA SCHENATO BICA
- EDMILSON CEZAR PAGLIA
- SILVANA CÁSSIA HOELLER
- SÍRLÂNDIA SCHAPPO
- DOUGLAS ORTIZ HAMERMULLER
- ROSANGELA VALACHINSKI CANDIN
- MÁRCIA MARZAGÃO RIBEIRO
- DIOMAR AUGUSTO DE QUADROS
- LILIANE MARÍLIA TIEPOLO

Valdo José Cavallet

ANEXO 10 – ATA DO CONSELHO DIRETOR DO LITORAL

Ata da Reunião do Conselho Diretivo da UFPR Litoral realizada em 20 de fevereiro de 2008.-----

Aos vinte dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e oito, no Refeitório do Setor Litoral, reuniu-se sob a presidência do Professor Dr. Valdo José Cavallet o Conselho Diretivo. Presentes os seguintes membros: (...). O Presidente solicitou que a Câmara de Agroecologia apresentasse sinteticamente a proposta da graduação e do PROEJA, que substituiriam o pós-médio, (...), durante as apresentações foram feitos alguns questionamentos sobre o funcionamento do curso (...) após a apresentação da proposta o conselho aprovou a criação do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia (...). Em seguida, o Presidente agradeceu a presença dos presentes e declarou encerrada a reunião da qual eu, David José de Andrade Silva, lavrei a presente ata.